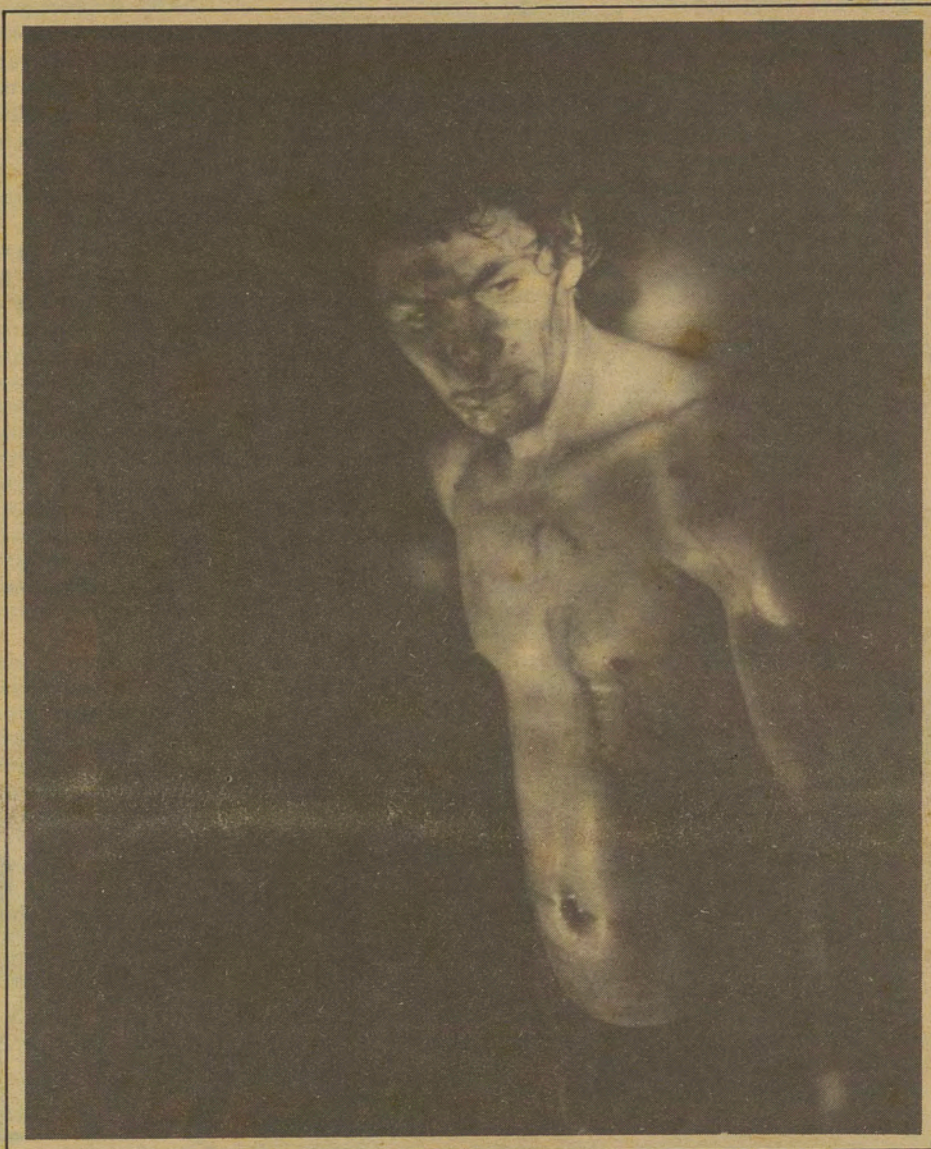


ZERO

Ribeirão da
Ilha, Ontem
e Hoje

Páginas 10, 11 e 12



Jacques Mick

Sem terra
escreve e
Zero publica

Página 3

A mina dos mineiros

Na Central



“Eu e você num
super papo nas
páginas 14 e 15”

Exclusivo: Evandro Mesquita no Caderno Z

O ano da repressão

Em 1964, o Brasil viveu um ano de repressão política. O regime militar, que se instaurou no dia 31 de março, marcou o início de uma ditadura que duraria até 1964. Durante esse período, houve uma série de atos de violência contra a população, incluindo a tortura, o assassinato e a prisão de milhares de pessoas. A repressão foi especialmente severa contra os estudantes e os trabalhadores, que foram alvo de ataques e perseguição. A ditadura militar também promoveu a censura à imprensa e à cultura, e a supressão de direitos civis. O ano de 1964 é considerado um dos mais sombrios da história do Brasil, marcado pela falta de liberdade e pela violência institucionalizada.



Mirad contesta matéria

A matéria publicada no jornal "O Estado de São Paulo" sobre a atuação do delegado Mirad foi contestada por este. Mirad afirmou que a reportagem não refletia a realidade e que ele não estava envolvido nos fatos descritos. Ele alegou que a matéria era baseada em informações falsas e que ele estava sendo injustamente acusado. Mirad também afirmou que ele estava sendo perseguido pelo regime militar e que ele estava sendo injustamente tratado. A contestação de Mirad gerou uma série de debates e discussões sobre a liberdade de imprensa e a imparcialidade da imprensa durante o regime militar.

Em 1964, o Brasil viveu um ano de repressão política. O regime militar, que se instaurou no dia 31 de março, marcou o início de uma ditadura que duraria até 1964. Durante esse período, houve uma série de atos de violência contra a população, incluindo a tortura, o assassinato e a prisão de milhares de pessoas. A repressão foi especialmente severa contra os estudantes e os trabalhadores, que foram alvo de ataques e perseguição. A ditadura militar também promoveu a censura à imprensa e à cultura, e a supressão de direitos civis. O ano de 1964 é considerado um dos mais sombrios da história do Brasil, marcado pela falta de liberdade e pela violência institucionalizada.

Diário de um colono Sem-Terra

O ZERO publica com exclusividade o diário de um acampado da Fazenda Taitalo, em Caçador. O texto, manuscrito em caderno universitário por Joacir Trindade é o registro de um dos poucos alfabetizados do acampamento. Serviu de roteiro, no último dia 27 de outubro, quando mais de mil trabalhadores rurais sem-terra dramatizaram "in loco" a ocupação da área. Aqui transcrevemos literalmente o texto do Joacir.

"Após dois anos de organização nas comunidades nós partimos para uma ocupação de latifúndios no dia 30 de outubro de 1987 as 11 horas da noite no município de Campo Erê e Irani. Enquanto os companheiros se reuniram um companheiro saiu com uma moto para investigar a estrada e ver se a área não estava guarnecida e ver se não tinham companheiros preso.

Perto da entrada da área o companheiro persebeu uma barreira de polícia passando 2 vezes pela barreira e não foi reconhecido, voltando atrás deu sinal aos caminhões os quais os companheiros se dirigiam.

Vendo que a estrada estava barada pegaram outra estrada, aonde se dirigiam a fazenda Campo Grande.

Por volta das 5 horas da manhã chegaram no local uma caravana de 27 caminhões e 4 ônibus.

Chegando ao local os companheiros pediram permissão para uma família que cuidava para entrar, e a família não deu ordem. Os companheiros se descidiram e abriram o portão com as próprias mãos. Além da cansaça do sono e da fome estavam todos animados pela vitória de conseguir realizar a ocupação.

E ao amanhecer o dia realizaram uma assembléia e começaram a armar os baracos.

Enquanto o tempo se passava durante o dia escutamos no rádio que 12 caminhões que transportavam os companheiros estavam presos desde a noite anterior com os companheiros no sol sem comer ficando presos até o meio dia.

Na noite do dia 31 um grupo de companheiros que foram barados se deslocaram da linha camargo as 9 horas da noite em média de 700 pessoas percorrendo 24 K. a pé crianças com 6 anos carregando irmanzinho nas costas.

Um senhor de idade de 68 anos carregando 60 K. nas costas e mais uma criança de 5 anos.

Um casal cansado na viagem acampam de não poder seguir em frente. Foram obrigado a pouzar na beira da estrada no dia depois os companheiros vieram encontrar.

A comitiva chegando no rio sargento com 20 metros de larguras formaram uma comissão

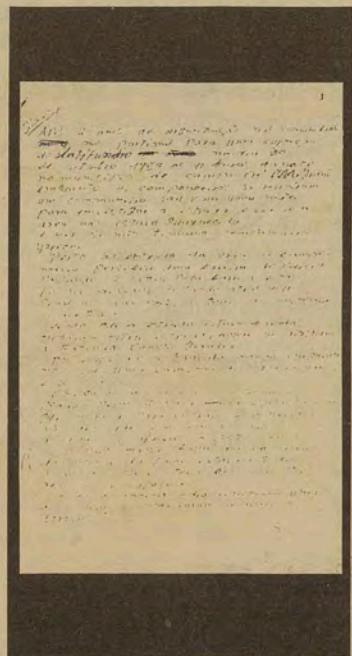
de 30 homens em questam de segurança para pasa as pessoas principalmente as crianças.

Segundo a caminhada todos com sono e com fome e muitos cansados fizeram uma parada para descanso 8 K. ls longe da área.

Segundo em frente chegando perto da área deram falta de uma menina com 8 anos de idade. Formaram uma comissão de 3 companheiros e voltaram a procura da menina. Encontraram a menina dormindo no local onde fizeram a parada a comissão voltando no local onde estavam os companheiros esperando entregaram a criança para os pais.

Entrando pelo mato e se aproximando da área por volta das 9 horas da manhã do dia primeiro. Os companheiros que já estavam na área foram encontrar a caravana abraçando os companheiros ajudando trazer as mochilas.

Enquanto os companheiros



Joacir registrou as ocupações de terra

que fizeram a caminhada dormiam os outros armavam os baracos. Formamos uma comissão para negociar com o prefeito onde ficou preso um companheiro.

E outra comissão foi a Florianópolis para negociar onde não foram recebidos pelo governador Pedro Ivo Campos.

No domingo as 11 horas da noite o juiz de Campo Erê mais o prefeito Darci Furtado assinaram a eliminar de despejo.

No dia 2 chegam no local as primeiras investigas da polícia o delegado de Campo Erê e

um membro da U.D.R. fazendo varias perguntas.

No dia 3 o oficial de justiça acompanhado de dois policias chegaram na área exigindo que os sem terra desocupassem a área para evitar que o despejo fosse realizado, no mesmo dia comesa as mobilizações da policia.

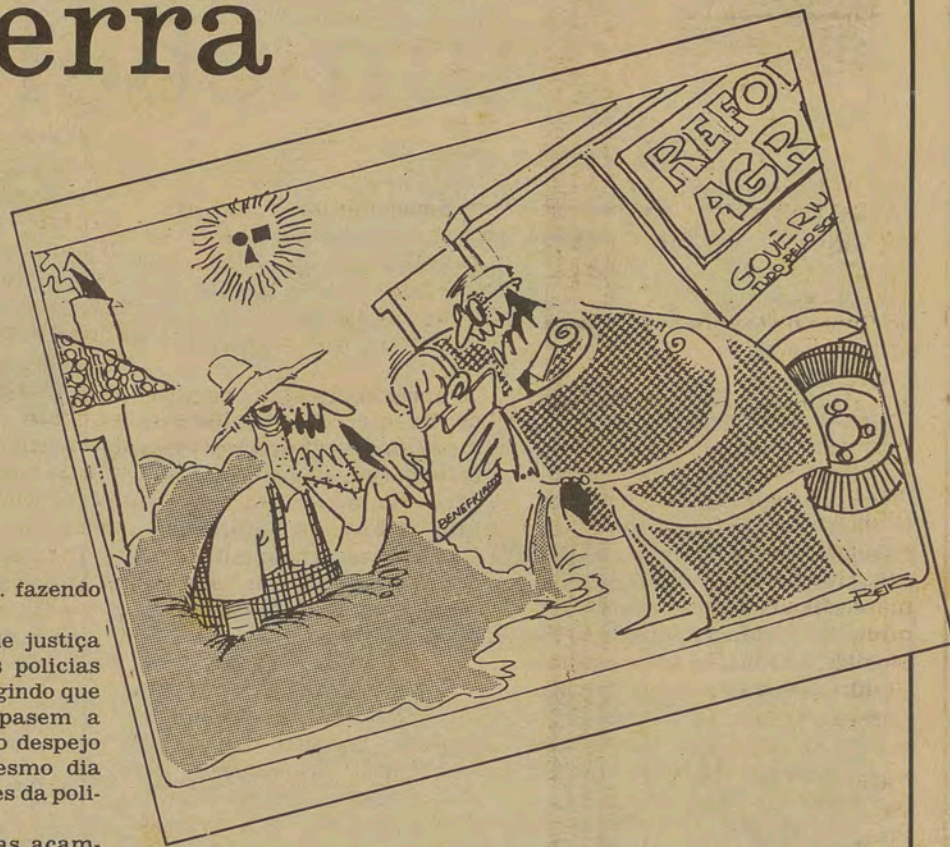
Vindo alguns policias acampar 1000 métro longe da área impedindo a entrada e saída dos companheiros ou qualquer pessoas que quisessem entrar. Os companheiros foram impedido de levar crianças para o ospital.

Uma mulher que estava para dar luz a uma criança foi obrigada a ganhar a criança embaixo do baraco. No dia 4 de novembro por volta das 7 horas da manhã chegaram no local 1.800 policias armados com fuzil baionetas bombas de gás e o Batalhão de choque alguns policias com capas de asso e todo tipo de armamento de guerra cercando toda a área.

O oficial leu a eliminar de despejo dando meia hora de prazo para desocupar a área em tão pouco tempo, negociaram com o juiz e o comandante da brigada e pediram prazo mais prolongado conseguindo prazo até o meio dia para desocupar a área numa base de 12.000 pessoas nas quais 7.000 eram crianças. Foram desmanchando os baracos estragando as lonas e alimentos saindo da área, sendo obrigados a pasar por uma barreira de policia, que revistaram todas as mochilas tirando os facams facas de mesa e ferramentas de trabalho. Varios companheiros foram presos emtrevistado pela propria policia logo em seguida foram jogado em cima dos caminhões e levados de volta as comunidades de origem.

Os companheiros de Irani emformados o fato que estava acontecendo em Campo Erê se reunirão no acampamento com uma assenbléia e disidiram de sair da área para o assentamento vizinho, para evitar que o despejo acontecesse onde permanecem acampado na área da comunidade do assentamento.

Com o despejo de Campo Erê ficou dividido os companheiros para Quilombo e Campo Erê, emquanto a UDR, as autoridades



des do município e do estado faziam festa comemorando a vitória que eles tiveram.

Mais uma ves mostramos que nossa organização foi mais forte. Reorganizamos dois acampamentos um em linha Contiquilombo e outro em linha Trevisan em Campo Erê.

Éramos três acampamentos Campo Erê 600 Quilombo 200 e Irani 400 durante 6 meses de negociação fazendo caravanas de companheiros a chapecó Florianópolis e até Brasília não conseguindo solução para o assentamento das famílias acampadas dicidimos fazer a caminhada pela reforma agraria.

Os companheiros dos 3 acampamentos percoreram um trajeto de mais de 150 K. a pé abaixo de chuva e sol saíram dia 26 de abril chegando em Chapecó dia 1 de maio comemorando o dia do trabalhador entre cidade e campo.

Uma grande comscentração mais de 1.000 pessoas participaram permanesemos mais de 20 dias em negociação com o Mirad. E não resolvendo o problema voltamos para os acampamentos e resolvemos nova ocupação de latifúndios.

No dia 24 de maio a noite os companheiros dos acampamentos de Irani e Quilombo fizeram uma ocupação na Fazenda Volta Grande em Abelardo Luz.

No dia 25 de maio os companheiros de Campo Erê ocuparam a Fazenda Roseira no município de Romelândia. Permanecemos na área mais de 30 dias e fomos despejados pela policia, aonde esses companheiros sofrerão mais de 30 horas sem comer jogados a maioria na comunidade de Vila União e os demais na Linha Trevisan.

Nós que estava na linha Trevisan prendemos a caçamba da prefeitura até o meio dia ejigin-

do que soltassem os 5 companheiros que estavam presos pela policia. Por volta das 13 horas chegou um onibus com 60 policiais todos completamente armados, para entrar no acampamento e bater no pessoal: Mas nós tudo o que já tinha sofrido pegamos as foices e as ferramentas de trabalho e não deixamos emtrar no acampamento se eles não soltassem nossos companheiros nós queimava o onibus: Soltaram nossos companheiros quase mortos arancaram a barba os cabelos e caminhavam em cima das costas. Num breve momento se retiraram do acampamento e foram pra cidade.

Os companheiros da Vila União tentaram negociar com o prefeito de Campo Erê não conseguiram caminhões para voltar resolveram fazer uma passeata na cidade parando em frente da prefeitura agradecendo por ele ser causador das 30 horas que as famílias ficaram sem comer prosegiram a passeata fazendo mais de 30 K. a pé até o acampamento de linha Trevisan.

Depois de 2 meses das ocupações da Fazenda olta Grande Abelardo Luz e da Fazenda Roseira - Romelândia resolvemos ocupar a Fazenda Taitalo com 150 famílias. ..."

N.R.: Aqui termina o diário, mas luta dessas famílias pelas terras continua. Atualmente, estão acampadas no assentamento Matos Costa, à espera de que o Mirad libere a Fazenda Taitalo.

Grandes avenidas, lindos edifícios e um cheiro horrível

*Engenheiros da FATMA,
da CASAN e Jalila-PV,
têm propostas para
tratar o esgoto que
vai direto pro mar.*

ESGOTO burguês também tem mau cheiro! Prova disso é o odor insuportável da Beira Mar Norte. Nem mesmo perfumes importados conseguem disfarçar o fedor que, sem pedir licença, invade os apartamentos da Avenida Rubens de Arruda Ramos nos dias de vento forte. Engenheiros da FATMA, da CASAN, e a vereadora Jalila El Achkar têm propostas para o tratamento de esgotos, que atualmente são despejados direto no mar em Florianópolis.

A FATMA (Fundação de Amparo à Tecnologia e ao Meio Ambiente) é responsável pelo controle de esgotos da parte industrial e de empreendimentos. O professor Domingos Alberto Rocco, da gerência regional da FATMA em Florianópolis, acredita que a contribuição dos efluentes industriais para a poluição da Beira Mar é quase insignificante se comparada com os residenciais, que têm seus sistemas de esgoto controlados pelo Departamento de Saúde Pública e pela CASAN.

O engenheiro Ronald Sotschnig, da FATMA, dispõe de uma equipe pequena, "por isso damos prioridade às 52 praias que temos para fiscalizar, onde os resultados são mais compensadores". Sotschnig acredita que os esgotos da capital deveriam ser tratados em uma lagoa de estabilização.

O engenheiro Grover, da CASAN (Companhia Catarinense de Águas e Saneamento), explica que estão construindo

uma lagoa de estabilização no continente. "Nós também temos um projeto para a construção de uma lagoa na ilha, perto do aeroporto, mas faltam verbas. A solução seria a CASAN cobrar uma taxa da comunidade, porque o tratamento dos esgotos beneficiaria a todos", conclui.

Pontos Críticos

O departamento de química da UFSC está trabalhando no projeto "Determinação das Condições Ambientais das Baías Norte e Sul da Ilha de Santa Catarina" e tem convênio com a Università degli Studi di Venezia. Um dos resultados encontrados até agora foi que os pontos mais críticos são: onde entra o despejo da rua Othon Gama D'êça; sob a ponte Hercílio Luz e perto da Assembléia Legislativa, na Beira Mar Sul.

A coordenadora do projeto é a professora Duartina Gos Assunção. O objetivo principal é determinar a qualidade das águas da Beira Mar e com os resultados forçar autoridades e tomarem providências. Duartina afirma que "em muitos locais pesquisados há apenas dois mg de oxigênio por litro de água, onde é impossível a vida para um animal aquático". Ela explica que o normal seria oito mg. "A redução do nível de oxigênio é devido aos poluentes orgânicos e inorgânicos e aos dejetos que vão direto para o mar, sem nenhum tratamento", completa a professora.

Ônibus à gás

A vereadora Jalila El Ach-

kar, eleita pelo Partido Verde em 15 de novembro, tem a proposta de reconstrução da rede de esgotos na cidade. Ela defende a criação de pequenas estações de tratamento para que dos dejetos retire-se biogás, que é viável como combustível e poderia ser utilizado na cozinha ou como gerador de eletricidade. Como diz Jalila, "estas estações se auto pagariam em cinco anos, e os recursos para sua construção poderiam vir do Poder Público ou de empresários interessados no gás".

Outro projeto que a vereadora pretende defender é a aprovação do uso de biogás com combustível em táxi e ônibus,

e Jalila garante que este gás é 90% menos poluente e 75% mais econômico que os outros combustíveis. Em São Paulo o uso de biogás foi aprovado na Câmara de Vereadores e o Sindicato dos Taxistas de Florianópolis também já aderiu à idéia. "Outra vantagem é que as fontes de biogás são inesgotáveis, poque o lixo e esgoto, matérias-primas para esse tratamento, são gerados permanentemente pelo homem", enfatiza Jalila.

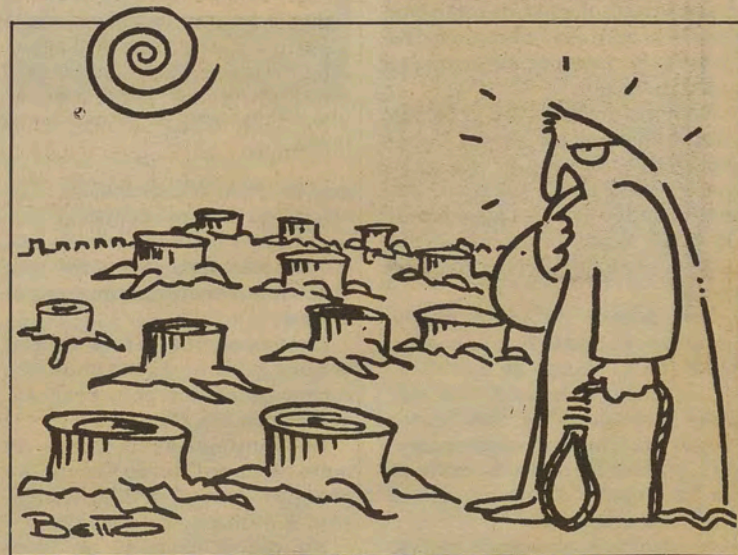
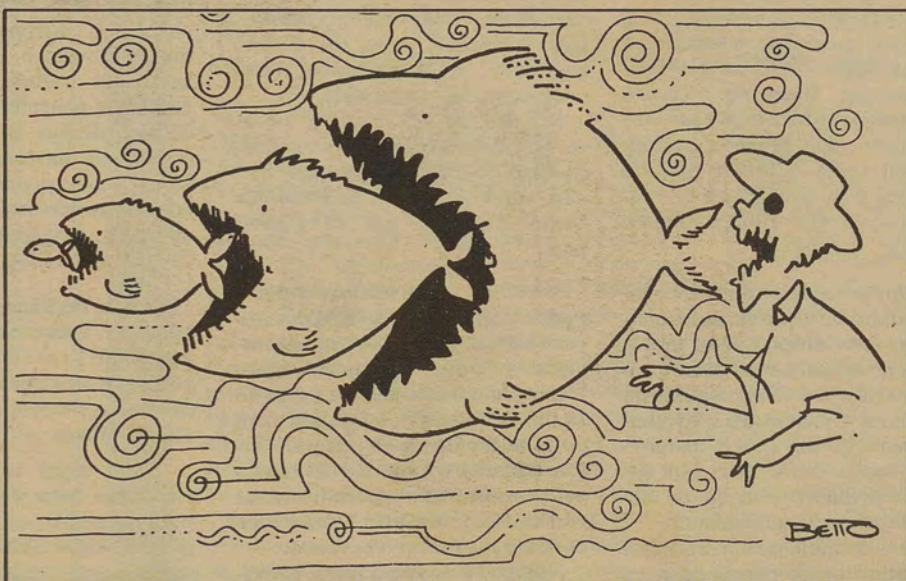
O engenheiro Grover não está tão entusiasmado quanto a vereadora: "A coisa não é tão simples assim, é muito mais técnica do que parece". diz.

Energia e Respiração
Rosemary M. M. Fabrin, residente na Beira Mar Norte e criadora do MEHU (Movimento Ecológico Humanitário Universal) lamenta que "os homens não entendem que têm uma natureza interdependente e que precisam de ajuda mútua, por isso não tem o direito de alterar a natureza, já que ela não nos pertence". Rosemary reclama que "pela manhã, na hora do rush aos banheiros, o cheiro fica insuportável, além de que nos dias de vento forte o mau cheiro entra nos apartamentos até pelos ralos".

Ana Lavratti



O cheiro da Beira Mar não permite que se respire fundo



Heróis da Resistência

Foto de Karla Bastos

Quem faz

greve paga.

Quem não

faz ganha.

Filmes pornográficos, futuras promoções, pagamento de diárias antecipadas e transporte de graça. Esses foram alguns dos privilégios dos quais os funcionários da Eletrosul que não aderiram a greve, dispuseram nos últimos dias. Tudo vale quando se trata de manter a empresa em funcionamento, até mesmo a formação de grupos de operadores aposentados, estagiários e pessoas da chefia que atendem pelo nome de "Comando Delta". Desde o início da greve esse grupo vem colocando precariamente as estações e usinas da empresa em funcionamento.

Enquanto isso, do lado de fora da empresa, apesar das demissões, ameaças e suspensões, os grevistas continuam unidos no movimento que já leva um mês. Ao som da Rádio Pantaneira, um microfone e algumas caixas de som instaladas no Centro Comunitário do Pantanal, os funcionários se distraem com as brincadeiras de José Carlos Leite, um locutor que usa de toda a sua criatividade para ironicamente criticar a empresa. Nos intervalos comerciais, Leite capricha na entonação da voz e solta o slogan já bastante conhecido: "Tudo está tão bom, tudo está tão bem, vem prá greve pelego vem".

A programação da Pantaneira começa cedinho com a "conversa ao pé no saco". Depois vem o jornalismo na greve que situa os funcionários quanto as negociações através do "Bom dia grevista" e "Informes Sindicais". Para a descontração do pessoal Leite apresenta o show do Xuxo. Como qualquer rádio que se preze, a Pantaneira também presta serviços de utilidade pública, como informes dos horários dos ônibus

Karla Bastos/Zero



Sem garantia de emprego eles não voltam ao trabalho.

da Pelegosul, nome oficial da Eletrosul, dado pelos radialistas. A rádio criada na greve anterior, é segundo Leite, uma maneira dos grevistas "botarem a boca no mundo". "É onde as coisas sérias são ditas na brincadeira", acrescenta.

Mentiras, mentiras

Apelos aos funcionários para voltarem ao trabalho com garantias de atendimento com a chefia e publicações de editais tranquilizando a comunidade de que o sistema elétrico não sofre riscos, são algumas das afirmações que constroem o "castelo de mentiras" da Eletrosul. A mais absurda, segundo os grevistas, foi a declaração do presidente da Eletrosul, Paulo Melro, de que o salário médio dos funcionários é de 700 mil cruzados. Irritado com a declaração, um engenheiro formado há 25 anos, duas pós-graduações e 17 anos de Eletrosul, mostrou seu contra-cheque de 624 mil cruzados: "Todos sabemos que o salário médio da empresa não chega aos 300 mil. Nem eu que já cheguei no topo da pirâmide ganho os 700 mil afirmados por Paulo Melro. Embora as pessoas tenham a impressão de que somos marajás, ao contrário somos a ralé do sistema elétrico", protestou o engenheiro que não quis se identificar temendo represálias da empresa.

Negociações. Quando?

A greve que já completa um mês se mantém pela garantia de emprego e não mais pelas questões econômicas que já foram parcialmente atendidas. Os funcionários recusam-se a voltar ao trabalho enquanto as 15 demissões e 50 punições forem mantidas. Esse impasse envolveu

políticos que como o senador Dirceu Carneiro (PMDB-SC), defende os grevistas na qualidade de intermediário nas negociações entre empresa, governo e funcionários.

Além disso, uma comissão formada por representantes da inter-sindical dos quatro estados onde a empresa atua (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Mato Grosso) e parlamentares, esperam já há dias em Brasília uma solução para o impasse. As informações são de que falta apenas uma atitude do Ministro das Minas e Energia, Aureliano Chaves, de quem se espera por fim à intransigência dos diretores da Eletrosul. O problema é que num dia Aureliano está viajando, no outro está com o pé machucado, e

por aí vai....Como comenta um grevista, na verdade ele está escorregando como sabonete, já que uma decisão a favor dos funcionários irá desmoralizar a chefia da empresa. O grevista João José Cascaes Dias acrescenta dizendo que a questão no momento está mais para Freud do que para Sarney, já que o Ministro Aureliano procura uma maneira de não desautorizar a empresa publicamente, apesar de concordar com a reivindicação dos funcionários.

Reivindicações

Os 29 dos 31 itens da pauta de

reivindicações dos grevistas foram deixados para serem discutidos quando os funcionários voltarem ao trabalho. O presidente da Associação dos Profissionais da Eletrosul, (APROSUL), Cláudio Corradini, diz que as reivindicações visam acabar com os apadrinhamentos e extinguir os privilégios. Os funcionários exigem o fim das contratações e a convocação de eleições para diretoria.



"Vem prá greve pelego vem".

Ilka Goldschmidt

A vez do menor

Fotos de Maria Cristina Joshizato e Simone Dias

Os menores

recebem alimentação e treinamento profissional

Quem visita a Escola do Menor Trabalhador pela primeira vez e espera encontrar algo parecido a um colégio convencional deve se preparar para um choque. Dentro do prédio antigo pintado de cor creme, na rua Victor Konder, 53, centro de Florianópolis, as crianças e adolescentes entre 11 e 16 anos (todos do sexo masculino) têm um ponto em comum facilmente perceptível à primeira vista: a agressividade latente. Ela serve para esconder a extrema carência de afeto e as marcas impiedosas do cotidiano de pobreza.

Fundada em 1984, a Escola do Menor Trabalhador de início era administrada pela Secretaria Estadual da Educação. Depois foi assumida pelas irmãs da Congregação Salesiana (atualmente três), que junto com 21 funcionários - entre professores, vigias, assistentes sociais e cozinheiros - tomam conta de dezenas de meninos considerados "desajustados" pelo conceito-padrão da sociedade. Atualmente há 80 matriculados, dos quais 50 vêm sempre e uns 20, esporadicamente. Não há lista de presença na entidade, que é mantida pela Fundação Vidal Ramos. Um dos grandes apelos que levam os alunos a frequentar o lugar é o do estômago: são servidos todos os dias, gratuitamente, café da manhã, almoço e



lanche. Um paraíso para crianças que, inúmeras vezes, precisam fazer pequenos furtos em supermercados para poder se alimentar. A única exigência para usufruir da comida da escola é participar de um dos "recantos" - atividades grupais de alfabetização, arte, esporte ou treinamento profissional.

"Mas a gente nota que eles gostam da escola", diz a irmã Maria Teresinha Dalla Porta. "É o único espaço que eles têm para extravassar. Às vezes até mesmo quando são suspensos. A suspensão é o castigo mais grave aplicado aos alunos, na maioria das vezes quando cometem

atos de violência exagerada contra os companheiros ou funcionários. A irmã Teresinha tem 26 anos, trabalha há quatro com crianças e desde fevereiro último está na Escola do Menor Trabalhador - única entidade do gênero registrada em Santa Catarina.

Em fevereiro, o regimento interno foi aprovado pela Secretaria da Educação, o que permite aos alunos cursar o equivalente às quatro primeiras séries do primeiro grau. Caso vença os conteúdos básicos - transmitidos de maneira bem diversa do ensino formal - o estudante estará apto a entrar na quinta série

quando sair. Isto não acontece com frequência, lamenta a irmã, pois a maioria dos menores entram na escola analfabetos, ou já vêm expulsos de outros estabelecimentos de ensino por não terem se adaptado. A linha pedagógica é a dialética, que visa preparar a criança para desenvolver o espírito crítico em relação à sociedade. O horário de funcionamento é das 8h às 17h, com férias de fim de ano e atividades de lazer em janeiro e fevereiro.

Irmã Teresinha observa que, curiosamente, a agressividade dos meninos é usada também como forma de demonstrar cari-

nho: "Teve uma época que eu tava com o braço preto de tanto levar beliscão de um deles, que queria chamar a minha atenção". De início o projeto da Escola previa o atendimento misto, mas as condições precárias de trabalho, aliadas ao número pequeno de funcionários para tomar conta de toda a extensão do prédio, criaram problemas ligados à sexualidade. Assim, as meninas deixaram de ser atendidas. "às vezes surgem casos de homossexualismo", admite a religiosa, "e também de consumo de drogas". A norma é não fumar aqui dentro. Se alguém usa maconha lá fora a gente nota. Eles vêm depressivos ou agressivos". Mas, segundo ela, o furto tem sido um problema bem maior.

Os meninos não encaram o furto como algo moralmente errado. Para eles, como o supermercado rouba, o que fazem ao surripar algum objeto é simplesmente um ajuste de contas. "Temos o cuidado para não incentivar a atitude nem reprimir severamente", frisa. Normalmente, a preferência recai sobre chocolates e outros alimentos, ou então roupas tiradas de varais. A questão é trabalhada com tato, para não reforçar um comportamento delituoso nem estimular a aceitação passiva das desigualdades sociais. Também quanto à religião, toma-se o cuidado de enfatizar a formação espiritual de forma ecumênica, sem dogmas e fórmulas prontas.

E o futuro? "Alguns saem daqui e conseguem trabalho...", diz a irmã, depois de uma pausa mais longa que o habitual. E os outros? Reticências...

Dauro Veras

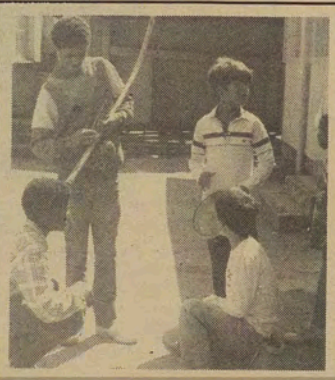
Leitura sem inocência

Aplicar um texto de Bertold Brecht em garotos de rua que mal sabiam ler, parecia uma idéia meio absurda. Mesmo assim resolvemos insistir nela e ver o que eles conseguiam captar da história dos tubarões e dos peixinhos, o que era sociedade e, principalmente, como viam a escola tradicional, de onde muitos foram expulsos.



"Eu sou um peixinho, sou explorado pela política. Os tubarões são maus porque acham que os peixinhos não servem para nada, só servem para roubar, matar, andar sujos. Na sociedade os peixinhos são discriminados porque a maioria são negros. Eu sou um peixinho discriminado porque sou negro". (André).

"O tubarão é malvado para os peixe. Os tubarão come os peixe no mar. O peixe tem que fugir dos tubarão. O tubarão maltrata os peixe no mar. O prefeito é tubarão grande. Os peixe tem que respeitar os mais grandes no mar. Os tubarão são malvados com os peixes. No mar chefe é o tubarão. O meu sobrinho é peixinho e eu sou tubarão. No mar tem várias espécies de peixe. Se eu fosse peixinho eu saia do mar para longe daqui. Nós peixes vamos reunir uma turma para espantar os tubarão". (Carlos)



"O Sarney é o tubarão porque põe a polícia pra cima de nós. Os peixinhos são aqueles que não tem alimento para comer. Os tubarões querem que os peixinhos obedecem para eles poder comer. Os tubarões devia ensinar eles a brincar, se divertir e não fazer artes. Os peixinhos devem agradecer sua mãe. Eles devem ter uma casa feliz e contente, muito longe daqui". (Marcos)



"Da minha parte quem é tubarão é o José Sarney e Pedro Ivo. Os tubarão são os prizidente e os prefeitos que gosta de nos maltratar os peixinhos que são nós ele faz nós paga passagem". (Emanuel).

O Futuro do país

fotos: Maria Cristina Joshizato e Simone Dias

A Escola do Menor Trabalhador tenta dar aos meninos carentes uma visão crítica sobre a realidade em que eles vivem. Fazer deles garotos críticos e conscientes da injustiça social. "Agentes da Transformação", define Júlio César Broch, com sua experiência de quatro anos como professor de Educação Física das crianças. São meninos carentes e a escola pretende orientar essa rebeldia para algo positivo. Aqui começa a revolução.

Em seu apartamento no Córrego Grande, Júlio contou um pouco sobre os meninos e levou um susto quando se viu frente a uma pergunta: "E qual é o futuro deles?" "Queres um chimarão?", desconversou e foi para a cozinha. "É difícil saber. O que nós tentamos fazer é dar a eles as condições para que possam questionar a pobreza".

Na relação que mantém com os meninos, Júlio César segue o sistema preventivo Dom Bosco e tenta ser o menos repressivo possível.

Nas aulas de educação física, ele jamais colocou os me-

nos em fila e deu as ordens, 1, 2, 3, 4, Seguidamente leva a garotada para o Aterro da Baía Sul para jogar futebol. Mas nunca apita as partidas. Deixa que eles acusem as faltas e decidam regras.

Júlio logo começou a sentir a relação de poder entre eles.

O mais forte sempre dominava. "Agora mudou muito.

Antes era uma brincadeira danada. Pancadaria geral. A fila do almoço era uma gritaria só." Muito rebeldes, os meninos são agressivos a primeira vista. "Às vezes eu ficava puto com eles", admite esse gaúcho de 33 anos, natural de Espumoso. "Porém, é preciso diálogo, amor e conquista".

Ferrugem, de 11 anos, brigava muito. "Ele quebrava tudo na escola", conta Júlio.

Ferrugem mora no Morro do Horácio, mas já fugiu de casa e passou meses vivendo na rua. Hoje, ele cuida de carros em frente a Macarronada Italiana e todos os dias leva



Na escola só entram crianças interessadas a ler e escrever

uma grana pra casa".

Júlio conta que logo que foi fundada a escola, os professores tinham apenas o conhecimento teórico sobre o trabalho com menores carentes. E haviam figurinhas ainda mais difíceis que Ferrugem. Eram meninos que

viviam na rua, até uma gang da cidade foi ter aulas. "A gente olhava para o lado e tinha alguém cheirando cola ou fumando maconha", revela. Nessa época aconteceram 14 assaltos na escola e os professores chegaram a conclusão de que "não era essa a clientela que nós queria-

mos". Após muitas discussões, eles decidiram mandar a gang embora e só aceitar meninos que quisessem realmente aprender a ler e escrever.

André Rohde

O cotidiano de um garoto marginalizado

Antônio Carlos de Souza tem 16 anos, mora no "Passo do Gado perto da Procasa, perto da Marinha, pralá do Estreito". Mora longe, mas quase todos os dias vem até à Escola do Menor Trabalhador, no centro da cidade. Ele é um desses garotos conhecidos como garoto de rua, carente, marginalzinho. É provável que seja, mas muito mais porque os outros garotos, os contextulizados, queiram assim.

Antônio é bonito? É Forte? Também. Talvez um pouco baixo para a sua idade - 1m e 50 de altura. É tímido, calmo, um tipo de calmo que ninguém gostaria de ver nervoso.

Sobre os seus dias, ele conta que a primeira sensação ao acordar é a preguiça. Levanta, lava o rosto...nem toma café e sai logo por aí, vai dar umas voltas.

Quando Antônio fica em casa durante a manhã, gosta de soltar pipa em cima da lage do banheiro. Solta pipa, assiste televisão, brinca de dominó. Lembra da bicicleta (a bicicleta!) do primo e vai até a casa da tia, afinal ele também tem uma tia. Resolve jogar umas partidas de sinuca com o primo, "quem perde paga" - então os outros garotos estavam certos, o marginalzinho dos bares e da sinuca finalmente apareceu, heim?

Depois eles brincam de lutinha, capoeira, alguma coisa pra espantar o frio. É hora do almoço. A irmã, Sônia Aparecida, que também tem 16 anos, prepara o arroz,



Antonio frequenta a Escola do Menor

o feijão, a carne.

Antônio descansa da comida, escova os dentes - às vezes fica com preguiça: não escova os dentes; mas os tem, escova e dentes. Os outros garotos se surpreendem com essas coisas. Depois dá uma vontade de sair...Antônio vai para a Escola. Fica lá até dar vontade de ir embora, lá pelas 4 horas da tarde. Pega o ônibus do Monte Cristo e vai para a casa.

Desce do ônibus encontra amigos, bons de bola. Jogam. Brincam até anoitecer no campo sa-pé.

Quase 9 horas da noite, Antônio não gosta de chegar cedo em casa. Está cansado, vai embora. Lá encon-

tra a mãe, Enendina, faxineira. Ele não lembra da idade da mãe nem a do pai, o Seu Sérgio, pintor de paredes. Os irmãos estão em casa também: a Cleusa, de 11 anos, a Eliane, com 9 anos e o Paulo, de 12 anos, além da Sônia Aparecida, a que faz o almoço todos os dias.

Depois de tomarem café - Antônio adora café com pão doce - vão todos assistir televisão. Os olhos de Antônio vibram quando começa o filme do "Esquadrão Classe A", na SBT. Estórias que prometem bons sonhos.

Antônio tem um quarto onde dormem ele e o irmão Paulo. Os dois irmãos dormem em um beliche, em cima ou em baixo, conforme a vontade. Este é um dos quatro quartos da casa, "Tem banheiro, tem uma sala, cozinha, tem um pedacinho de campinho ali atrás. Casa de madeira, nova, grande, é boa de morar." Tem gente lá dentro, tem comida, tem cama, tem televisão, tem banheiro com laje! Tem mesmo?

Dormir. Sonhar. O sonho impossível a bicicleta. Possíveis!

- Queria aprender a ser pintor.

- Ah! Um pintor, um artista, um pintor de quadros?

- Não, pintor de parede.

- Pintor de parede?

- Como o pai, ele tem uma vida melhor. Eu não queria ser rico, queria ser do mesmo tipo que sou, eu tenho uma boa vida, alegre, nunca fui triste.

Milene Correa

Aprendendo a jogar

Os menores

acham que a

capoeira instiga o

entendimento da

sociedade.

"Meu mestre me falou um dia/Menino preste atenção/Vou te ensinar a capoeira/Tenha muita devoção". Aos primeiros acordes do berimbau a roda se fecha, todos batem palmas e começa a paixão dos meninos da Fundação do Menor Trabalhador: a capoeira. Todas às terças e quintas feiras à tarde, Mestre Pop, dono da academia "Berimbau de Ouro", ensina esta arte que veio dos escravos africanos para uma platéia sempre interessada. "Eu vim para a Fundação por causa da capoeira, que é uma dança legal e desenvolve o corpo", diz Edilson, 16 anos, com jeito tímido.

Para estes garotos de origem simples, o ensino da capoeira instiga a consciência social e o atendimento de nossa sociedade. Roberto Carlos, 15 anos, um animado cantor das letras de capoeira, demonstra conhecimento sobre a história desta dança no Brasil. "O rei da capoeira é Zumbi dos Palmares, o 1º capoeirista dentro da senzala", afirma convicto. Beto, como é conhecido pelos companheiros da Fun-

dação, diz que os negros jogavam capoeira quando apanhavam dos brancos. "Nos palmares os negros usavam a capoeira para lutar contra os seus inimigos. Que navio é esse/Que chegou agora/É o navio negreiro com os escravos de Angola/Vinham de longe, de Angola e Guiné/Trouxeram a macumba olê lê/Capoeira e Camdoblê", canta animadamente Beto.

Aos seus 13 anos, José Altino, o Ferrugem, não gosta de muito papo. Ferrugem prefere mesmo é mostrar o que sabe, desempenhando vários passos de capoeira, como o rabo-de-arraia e o gato. Rosto sardento, estatura baixa, ele antende que "capoeira é só para se defender".

Acompanhado de um catuto, base do berimbau, Guaraci, 15 anos, já é contra-mestre de capoeira, com um ano de prática. Guaraci explica que todo ano se faz exame para que os capoeiristas passem de um cordão para outro, até chegar à posição máxima de mestre. O iniciante na capoeira começa com o cordão azul, seguindo-se verde, amarelo e, finalmente o branco, para o mestre. "Sabendo fazer todos os golpes, o cara passa de um cordão para o outro. Para chegara mestre é preciso 7 anos de prática", completa Guaraci.

Roberto Carlos não pára de cantar e batucar. O ritmo e a letra das músicas é contagiante "Minha vida é capoeira/E eu sou capoeira/Olha a manhã, mandinga e oração/Capoeira é religião".

Rubens Vargas

Mina de carvão sai da falência na mão dos trabalhadores

Mineiro trabalha para si

Há dois anos, a direção do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Extração do Carvão passou às mãos de lideranças ligadas à CUT e ao PT. Começou então uma luta que acelerou a falência de uma das mais antigas mineradoras da região, a Companhia Brasileira de Carvão Araranguá (CBCA) e introduziu a autogestão - administração dos trabalhadores.

Os proprietários Álvaro Catão e Sebastião Neto Campos estavam envolvidos num rombo avaliado em Cz\$ 1,3 bilhão em dívidas com os governos federal e estadual, credores particulares, e três meses de salários atrasados aos seus 765 empregados.

“A falência estava programada pela empresa para dentro de dois anos. Todo o patrimônio da CBCA estava sendo transferido para a Barro Branco, carbonífera do mesmo grupo em Lauro Muller. O sindicato da época não se opôs porque era dirigido por pessoas de confiança da empresa. Quando assumimos, exigimos o recolhimento dos encargos sociais atrasados e, com isso, apressamos a falência”, conta o atual presidente do sindicato, José Paulo Serafim.

Essa estratégia frustrou os planos dos donos que queriam estatizar a mina. Em julho de 1987, o juiz Francisco Borges decretou a falência e nomeou o sindicato como síndico da

massa falida. Um ano e meio depois, a “massa” saiu da “lama”, já aplicou Cz\$ 300 milhões na recuperação do patrimônio (que havia sido depenado pelos donos), paga os melhores salários, está abrindo novas fronteiras de trabalho e vira cooperativa.

No último dissídio coletivo, a CBCA se transformou em carro-chefe para as reivindicações dos trabalhadores. Os mineiros pediram 200%, o juiz deu 145% e o sindicato foi o primeiro a pagar. Hoje os salários variam de Cz\$ 118 mil a Cz\$ 200 mil (mecânico profissional). Para um faturamento de Cz\$ 472 milhões, a Massa pagou, em outubro, Cz\$ 127 milhões de salários e encargos sociais.

Sempre defendemos que o trabalhador tem capacidade de administrar uma empresa e hoje temos um exemplo concreto disso. O grande problema é que o regime capitalista tenta boicotar e destruir esse tipo de administração. Os mineradores sempre ameaçavam fechar as empresas nas negociações salariais. Hoje não têm mais como nos assustar com isso. Se estão tendo lucro, que o repartam; senão passem a mina para os 12.600 mineiros, que tem intenção de repetir a experiência da CBCA”, diz Serafim.

Cooperativa
A reativação da CBCA envolveu greves, combates com a polícia, prisões. Teve um impacto social muito forte em Criciúma, cidade com 180 mil habitantes e maior produtor de azulejos da América Latina. A mina ainda suscita curiosidade na região e até em outros estados. A população local e os visitantes, na maioria, aprovam a experiência. O

antigo proprietário prefere esperar “para ver se dá certo”.

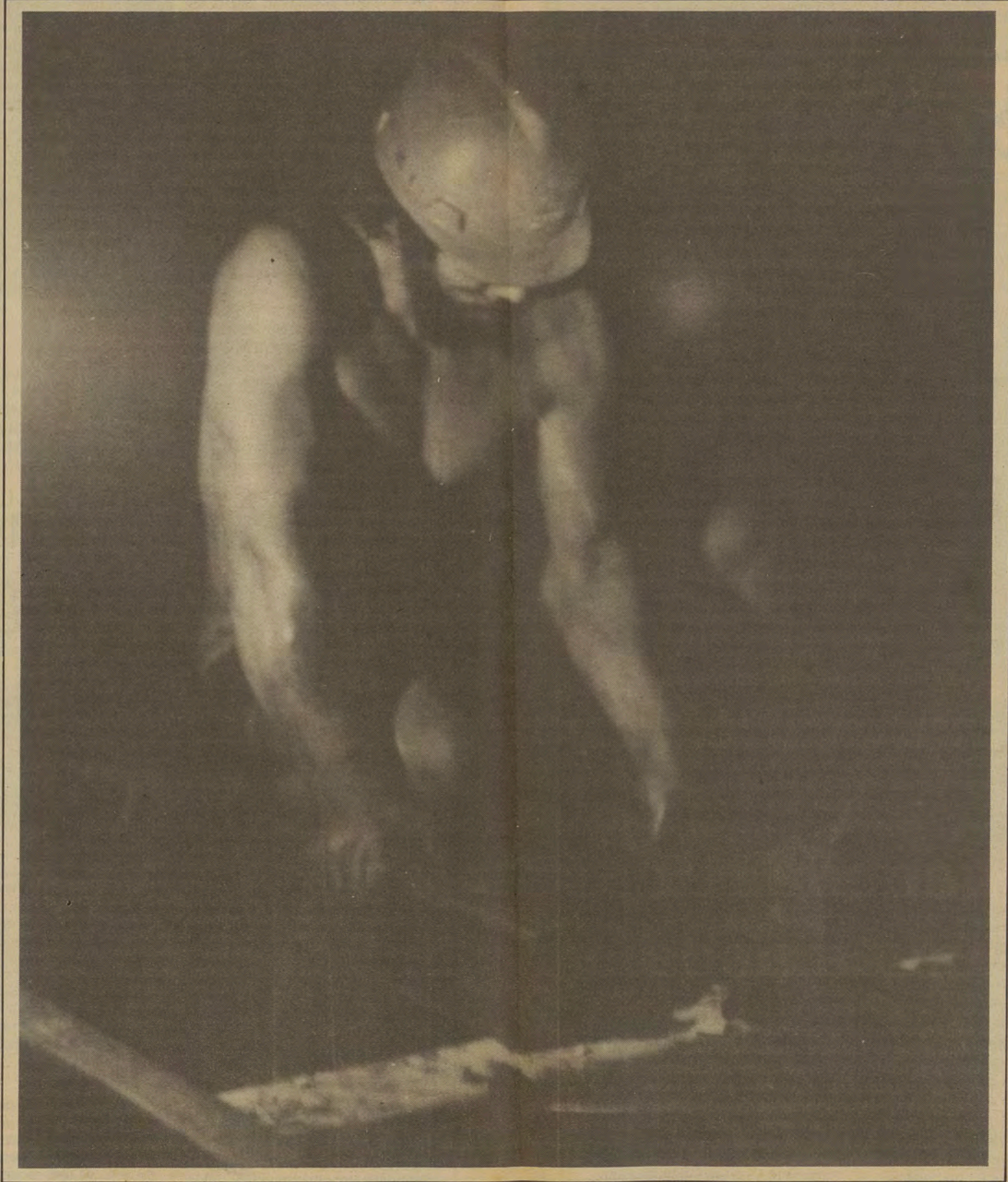
A nova administração começou do zero. Recebeu do governo apenas uma verba de Cz\$ 160 milhões para recuperar os equipamentos e pagar os salários atrasados. Em assembleia no dia 7 de julho de 87, os trabalhadores elegeram o engenheiro electricista Morvan Borges para gerente e formaram uma comissão de mina, com 30 representantes (um de cada setor) que se reúnem mensalmente para traçar os planos de trabalho e prestar contas. Morvan ganha o maior salário Cz\$ 1 milhão (“abaixo do que ganha um engenheiro da minha graduação em outra mina”), mas já perdeu o cargo de gerente.

Juridicamente, o sindicato ainda é síndico da CBCA - Massa Falida. Na prática, ela já funciona como cooperativa dos trabalhadores, em que cada um tem uma cota de participação. Foi registrada no último dia 25 de outubro e agora está negociando as dívidas com os credores: Cz\$ 1,5 bilhão com o governo mais Cz\$ 400 milhões com os bancos.

Severiano Antônio Valentin, o “Nego”, eleito pelos mineiros para a presidência da cooperativa, divide o tempo entre o escritório e a mina, mas continua com o salário de encarregado geral: Cz\$ 221 mil. Apesar de contar com a assessoria técnica e jurídica de 30 funcionários, acha difícil “ser patrão e operário ao mesmo tempo; ser da diretoria e mandar nos donos. Aos poucos, a gente tira de letra”.

Liquidação
“Nego” está convicto de que ninguém toma mais a mina dos mineiros e apresenta um plano para saldar as dívidas: pagar royalties ou doar terras da CBCA ao governo e quitar a metade da dívida bancária fornecendo 500 ton. de “moinha frotada (cpl) em doze meses. Os Cz\$ 200 milhões restantes o antigo proprietário pagaria sozinho.

Se o governo não aceitar essas duas propostas, vamos pedir a liquidação da empresa. Daí o governo tem que assumir ou deixa duas mil pessoas sem comer”, adverte, confiante de que não será necessário nem entregar os 700 hectares de terra da empresa ao governo. “Queremos fazer um loteamento para os mineiros sem-terra”.



Sem capataz, mais motivação para o trabalho.

Associação Catarinense das Indústrias de Extração do Carvão, Jacy Fretta, com quem o sindicato senta para discutir problemas como cotas de mineração, transportes (a maioria dos mineiros vai para o trabalho em paus de arara) e dissídios salariais.

E problemas não faltam à CBCA. A CAEEB-Companhia Auxiliar de Empresas Elétricas Brasileiras (que está sendo desativada) deve-lhe Cz\$ 750 milhões. Pior: ainda há pessoas ligadas aos antigos donos dentro da empresa, falta maior estoque de peças no almoxarifado; o transporte de carvão é feito por empreiteiras...Os problemas

tica dos mineiros, garante “Nego”. Quando Sebastião Neto Campos, o “Tião Medonho” (ex-deputado estadual pela UDN, Arena e PDS, que confinava líderes operários e mandava atirar em jornalistas) e Álvaro Catão compraram a CBCA de Francisco Catão

(irmão de Álvaro), em 1950 - época em que Neto Campos era químico do Departamento Nacional de Produção Mineral - jamais poderiam imaginar que “isso aqui seria uma ilha do socialismo no meio do capitalismo”, conclui o funcionário Paulo Gonçalves Fº.

Produtividade cresce muito com autogestão

Os mineiros da CBCA - Massa Falida não trabalham mais aos sábados. Já conseguiram reduzir a jornada de 36 para 30 horas semanais, no subsolo e de 48 para 40 na superfície, antes que a Constituição

aprovasse as 44 horas. Mas no dia 18 de novembro, “baixaram” à mina para compensar a folga da véspera das eleições.

Onze horas da manhã, centro de Criciúma, eles surgem de todos os lados. Botas, sandálias franciscanas, capacetes, marmitas e palheiros acesos... Cai uma garoa e o “puxado” de uma casinha abandonada serve de marquise. Alguns “queimam” a marmita ali mesmo. É galinha com farofa, regata a café com leite.

O “Mosquito”, Vilmar Pereira da
Fotos de Jacques Mick

Costa, cinco anos de mina, avisa que o pessoal pega junto. “Não tem isso de ‘eu faço aquilo’”. Quando não tem encarregado que pega no pé, o cara trabalha à vontade”. Mosquito também conta as vantagens de trabalhar na mina administrada pelos mineiros: pagam em dia, tem um “vale-zinho” no dia 20, ganha-se ordem para farmácia, médico para a família, dois ônibus. Antes não tinha nada disso. A segurança também melhorou bastante.

Chega o ônibus. “É o nosso!” Vai para a mina B - Antônio de Luca, uma das menores e manual. No caminho, o clima é animado. O comentário do dia é a vitória do “Gringo” (Antônio Sérgio de Lima) nas eleições. Um mineiro que sai da pá para a Câmara Municipal. “Eu não pedi um voto sequer, só falei da consciência de que nós temos que ter um representante”, diz o vereador eleito.

Boca da mina B, meio-dia, troca de turno. A primeira turma pega às 6 horas, a segunda larga às 18 e a terceira vai das 15 às 21 horas (é o pessoal da manutenção). São 206 homens ao todo. A cena lembra a “Metrópolis” de Fritz Lang, com uma diferença: a alegria. Apesar da água escassa para tomar banho, há cantoria no banheiro.

O encarregado da produção, Antônio Borges de Melo Neto, o “Gaucho”, de Soledade, explica toda essa motivação: Ninguém tá trabalhando pro-patrão. A produção mensal aumentou de 10 mil toneladas para 22 mil ton. de carvão pré-lavado-cpl mais 85 mil ton. de rom”.

Cercado de mapas das minas e do consumo de explosivos, “Gaucho” mostra que a mina B está na carcaça. Tem carvão para mais quatro anos. Em agosto de 89, restará ali 40 homens. Os outros serão transferidos e “vamos admitir mais 150 para trabalhar no Verdinho e Mina do Mato, duas minas em área da CBCA em que há carvão para mais 10 anos”, aponta, enquanto se prepara para descer.

“Se o cara pensar na mina, não baixa”, alerta o encarregado da segurança, José Ferreira. Ele lembra a morte dos 31 mineiros numa



A entrada da “cidade” subterrânea

explosão da mina de Santana, em Urussanga, no dia 10 de setembro de 1984. Aqui não ocorrem acidentes graves há cinco anos. O número de pequenos ferimentos por mês caiu de 12 para uma média de três. “Quem faz do trabalho um ato de amor evita acidentes”, lê-se numa plaqueta fixada à entrada da mina.

Ao passar em frente do oratório com a imagem de Santa Bárbara, padroeira dos mineiros, todos se benzem. Olham no letreiro dum pedaço de tábua, a recomendação dos filhos: “Papai, estamos esperando você em casa. Trabalhe com cuidado”. É uma ida sem volta certa.

Dois “tróleis” (vagonetes sem carroceria), engatados num cabo de aço, transportam equipe de reparagem do ZERO para o interior da terra. São 1.200 metros de trilhos de ferro pela via principal (mão dupla), fora as transversais, os “ramais”. As galerias são sustentadas por colunas e vigas de madeira. É uma minicidade, com água, luz elétrica, telefone e “ar condicionado” pelo exaustor. O ronco abafado dos exaustores, das bombas d’água e brocas a compressão, o vaivém dos vagonetes, carregados e vazios, criam o ambiente de indústria.

Os mineiros entram por uma passagem, em uniformes simples: cuecas, botas e capacete com lanterna. Le-

vam água e lanche. A 200 metros da superfície, 30 graus centígrados, ninguém tem nome, só apelido: “Cristo”, “Irmão”, “Irmãozinho”, “Mosquito”... Trocam “palavrões” e discutem política pra tomar fôlego.

Ferreira recorda como a jornada de 12 horas foi reduzida para oito na mineração: No começo de século, os vagonetes cheios de carvão eram puxados pra fora por burros. E morria muito burro. Então os mineradores se flagraram que, diminuindo a jornada de trabalho, haveria menos mortes...de burros.

No fundo da mina não chove, mas o chão é muito úmido. A água some da superfície e reaparece, com alto nível de acidez, nos túneis minerados. E falta nos chuveiros. O suor e o pó do carvão (que provoca doenças do pulmão), formam uma nata preta sobre a pele. É a mina manual produz menos pó do que a mecanizada. Lá embaixo é impossível reconhecer fisicamente os mineiros do ônibus. Viraram “pirita humana”. Mas a grande vantagem é “participar diretamente da administração do que é nosso”, conclui “Irmãozinho”, no fim da linha.

Geraldo Hoffmann

Geraldo Hoffman

Igreja pelega

A Igreja de Criciúma sempre se sustentou na aliança com a classe burguesa, tanto que agora está construindo uma catedral em homenagem aos mineradores. O elemento religioso sempre foi usado contra o trabalhador. É a tendência de trazer o mineiro pra dentro da Igreja para dominá-lo.

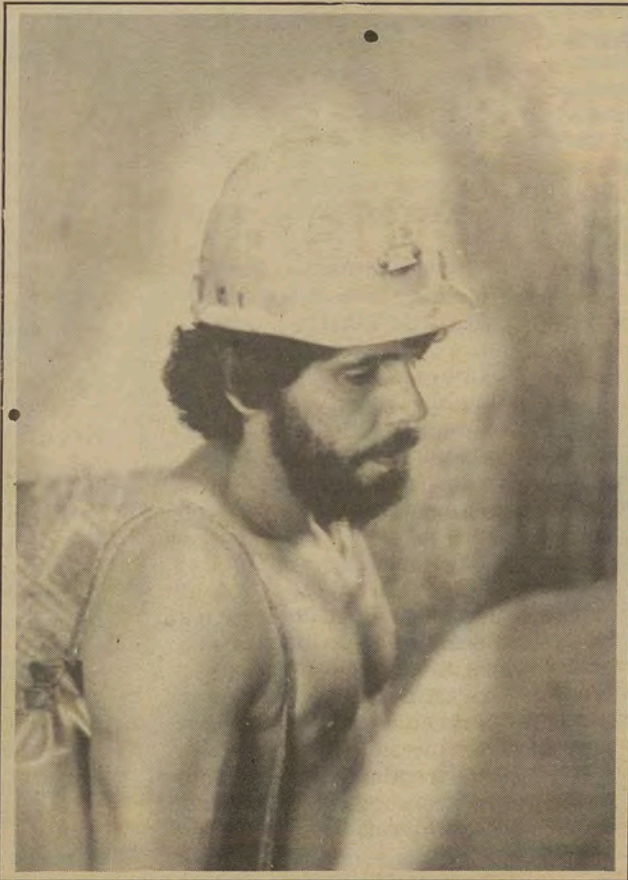
As declarações são do padre Pedro Damásio, um dissidente da Igreja católica local, que “leva a mensagem de libertação para o meio dos mineiros para legitimar a luta”. Há dois anos e meio sem salário nem lugar fixo, ele acredita que o povo tem maturidade e independência para fazer a própria história.

Uma história em que o padre também esteja no “front”. Damásio já morou em Vila Operária, participou dos 38 dias de greve dos mineiros em 1987. E anotou, num livreto intitulado Alimento da Nossa Luta, “a memória dos pobres, suas lutas, suas osadias, suas vitórias e seus fracassos. Tudo é lição para andarmos mais firmes para frente”, escreve.

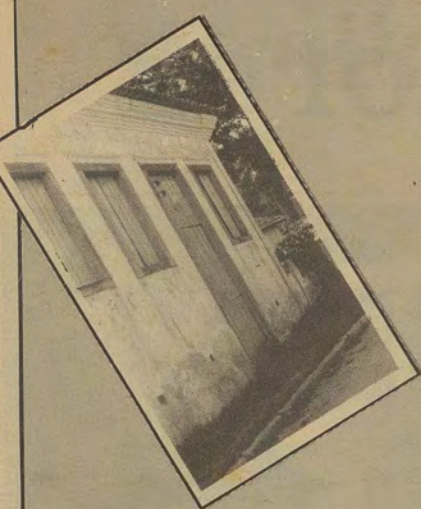
É a lição do trabalho, do suor derramado, das reivindicações, das greves, da organização, dos conflitos, dos depósitos, dos piquetes, da conscientização, das eleições, das missas, dos riscos, do heroísmo, da coragem, da força do povo...o batismo de uma criança no piquete, a greve de fome. “E greve de fome sem amigos, são duas fomes numa só. Dói a cabeça, mas a cabeça tem que criar a história”.

O trabalho constante de 5 anos do padre Damásio entre os mineiros teve eco nas eleições municipais. Seu nome foi ventilado para vice-prefeito pelo PT e “Gringo” se elegeu vereador. A cúpula da Igreja local não gosta de padres com a linha de ação de Damásio e o ameaça com transferência.

A Igreja conservadora legítima o capitalismo pela hierarquia de poder. Ajuda a manter viva na cabeça do mineiro a figura do capataz, incutindo-lhe o seguinte raciocínio: “No fundo, é melhor ser mandado, porque não exige responsabilidade”, denuncia.



Eles mostram do que são capazes



Fotos: Maria Cristina Joshizato e Simone Dias

Ribeirão, desde o começo

*Dos Açores até
o nosso século:
mitos, história*

Açores, oceano Atlântico, meio caminho entre a Europa e a América, mais exatamente, a 1 mil e 300 quilômetros da costa portuguesa. O arquipélago foi descoberto no século XV e é formado por nove ilhas. A religiosidade, característica dos açorianos, chegou junto com os primeiros colonizadores no período das capitanias hereditárias do Brasil.

Entre 1748 e 1756, cerca de seis mil pessoas desembarcaram no Porto de Nossa Senhora do Desterro. Espalhando-se pelas várias freguesias - Santo Antônio de Lisboa, Ribeirão da Ilha, Lagoa da Conceição - estes colonizadores açorianos souberam particularizar os locais onde se estabeleceram. A igreja matriz na parte mais alta da cidade, voltada para o mar. A praça em frente à Igreja, entre ruas paralelas, o casario

tipicamente açoriano.

Vindos principalmente das ilhas de Faial, São Miguel e Terceira, os açorianos - gente de fé católica e dedicada às atividades pesqueira e agrícola - começam oficialmente a colonização do Ribeirão da Ilha no ano de 1748.

Comandados por Manoel Vargas Rodrigues, os colonos açorianos logo se adaptaram à natureza local. A semelhança geográfica com os Açores e o cultivo da terra em minifúndios facilitaram bastante a nova vida. Até porque, se voltar era impossível, tiveram que ficar e gostar.

A produção de farinha, açúcar, café e a presença de engenhos, além da pesca sempre boa, transformou o distrito do Ribeirão da Ilha, no século XVII, responsável pelo parcial abastecimento da Ilha. Seus produtos - o cação seco, o marmelo e o café - eram exportadas para São Paulo, Rio de Janeiro e até para países estrangeiros com a Alemanha, a Itália, os Estados Unidos e Portugal.

A mão de obra era escrava. As técnicas, rudimentares. Mas como a localização privilegiada - desembarque

fácil, águas calmas e pequenas enseadas -, enquanto se pescava baleia na praia da Armação, no Ribeirão abundava o pescado. No século passado, é claro.

Se aportar era fácil, nem tão fácil era chegar por terra. Não haviam estradas, e embora o quase isolamento propiciasse o desenvolvimento interno, nem sempre a autosuficiência na produção de alimentos e nas trocas prescindia de uma interação social mais ampla.

Com a abertura da estrada que liga a Freguesia ao centro - Ribeirão fica a 25 quilômetros do centro, na região sul da Ilha de Florianópolis - intensificaram-se as relações com o mundo exterior. Em troca dos novos costumes abriu-se mão de velhos costumes.

Persistem, ainda, algumas tradições, estórias e histórias contadas e recontadas, geração à geração. As festas religiosas e populares, a devoção a Santo Antônio - o casamenteiro e a Nossa Senhora da Lapa, a medicina caseira e as superstições são características que conseguem se manter.

São famosas também as lendas e as estórias de bruxaria do Ribeirão, talvez o maior reduto bruxólico da Ilha, já disseram o pesquisador e artista plástico Franklin Cascaes. Estórias de boitató e fogo fátuo pairam, assim como os seus entes e gases coloridos, sobre as casas e cabeças do Ribeirão. Alguém duvida?

Mas a tradição está desaparecendo. A dependência econômica do distrito à capital exige que a maior parte da população - que hoje está entre 8 e 10 mil habitantes - se desloque até o centro para trabalhar. As características da comunidade saem de cena, um conglomerado de pessoas e o ponto de atração turística fazem



Onde pairavam as bruxas - concreto, postes, fios, transformadores.

as próximas falas.

Mudam as pessoas, mudam as fachadas das casas, com retirada de telhas, portas e janelas. Demolem-se casas assim como demoliram-se ancestrais. O calçamento de pedras, nas ruas por onde passou D. Pedro II em 1845, deu lugar a um calçamento de lajotas pré-fabricadas. A preservação da cultura vai com as pedras e as casas e a memória, neste que é considerado o mais belo e harmônico patrimônio histórico e arquitetônico da cidade.

A população vai com a migração, as famílias procuram trabalho na Grande Florianópolis, ingressando na periferia urbana da capital e deixando o lugar "em frente à ilhota Garcia, uma enseada onde desagua um pequeno rio, cuja foz terá de

5 a 7 metros de largura e onde se eleva o monte mais alto da ilha, que mede 600 metros e em cujo sopé se aninha risonhamente a freguesia do Ribeirão, com suas casinhas alvas, dentre as quais se destaca a igreja consagrada à Nossa Senhora da Lapa." (Virgílio Varzea. Santa Catarina, parte primeira - A Ilha. Publicada pelo Centro Catarinense e auxiliada em parte pelo Governo do Estado. Rio de Janeiro, Companhia Typographica do Brasil, 1900).

Milene Corrêa



Resta a fachada típica, a telha feita na coxa do escravo.

Um povo que acredita em milagres

No Ribeirão

as tradições

tentam

sobreviver

As casas enfileiradas ao longo da Freguesia do Ribeirão transportam ao passado de um povo que preserva suas raízes com o esmero de quem preserva a própria vida.

Mas as tradições não acabam por aí, ou melhor, vão muito além do concreto que emoldura o casario açoriano à beira da baía. O cortejo do Divino e a devoção à Nossa Senhora da Lapa se confirmam como as duas manifestações populares de maior significado entre os moradores do Distrito. Passam os anos, as décadas, os séculos, e estas duas expressões da cultura do povo permanecem.

Histórias de milagres

A tempestade avançava furiosa mar a dentro. O barco já não respondia ao controle e o convés tinha desaparecido em meio à fúria das águas.

Não havia nortes por onde navegar.

- Valha-me, Nossa Senhora da Lapa - gritou desesperado, o dono da embarcação.

Naquele momento a imagem da santa apareceu na popa da baleeira e, logo em seguida, os tripulantes conseguiram ancorar o barco próximo a um rochedo.

De volta à calma, o dono da embarcação que seguia para La-

guna, resolveu retomar o caminho do Ribeirão. Segundo contam os mais velhos, todas as vezes que a baleeira passava pela Ilha do Largo, bem em frente ao Distrito, o homen tocava o apito para saudar a Igreja da Freguesia do Ribeirão, que não sabia ser de Nossa Senhora da Lapa. Ao chegar em terra, o pescador quis ver a Igreja e dentro dela apontou para a imagem da Senhora da Lapa, dizendo que ela tinha aparecido no seu barco. Daí por diante, cada vez que passava pelo Ribeirão, ao invés do apito, o dono do "Barco da Santa" atirava foguetes para saudar a imagem que lhe tinha salvo a vida.

Esta é uma das mais antigas histórias sobre os milagres de Nossa Senhora da Lapa, a padroeira do Ribeirão da Ilha.

Adorada por todos os moradores do Distrito, a imagem foi trazida para o Ribeirão em meados de 1760, pelo português Manoel de Valgas Rodrigues. Inicialmente ele ficou na capela da Igreja do "Simplicio", local hoje conhecido como Barro Vermelho do Ribeirão. Três anos depois, por Provisão Episcopal de 13 de setembro de 1763, Manoel de Valgas Rodrigues mandou construir uma capela na Freguesia do Ribeirão, para abrigar como padroeira Nossa Senhora da Lapa. A Igreja, construída por escravos, à base de pedras, cal e óleo de baleias, foi inaugurada somente em 1806.

Hoje, devido às constantes tentativas de roubo, a imagem não fica mais na capela. De acordo com Dona Lígia Fraga dos Santos, de 61 anos, há muito tempo um português tentou roubar o Sacrário da Igreja.



A musa da fé

Ao colocar a mão no Santíssimo, ele ficou preso no altar e desmaiou.

Para soltá-lo, o padre do Ribeirão teve que benzer o homen. Agora a imagem só é exposta nos dias da Festa da Lapa, que se realiza normalmente no último sábado de agosto.

Todos os anos, uma multidão de romeiros vem à festa pagar promessas e participar da procissão em homenagem à Nossa Senhora da Lapa. Os enfeites do andor e as vestes da Santa, há seis anos são feitos por Dona Anita, uma senhora que mora no Rio Tavares. Desenganada pelos médicos, a mulher recorreu à milagrosa imagem e se curou de um câncer. Depois de passar por uma cirurgia, Dona Anita pediu



A Igreja de Nossa Senhora da Lapa

ao padre do Ribeirão que levasse Nossa Senhora da Lapa até sua casa. Lá, ela lavou a imagem, passou a água por todo o corpo e depois se cobriu com o manto da Santa. Até hoje a mulher não deixa mais de participar da festa da padroeira do Ribeirão.

A folia do Divino

A Festa do Divino remonta todos os anos a promessa feita pela Rainha Isabel, de Portugal, no século XI, para impedir que fosse deflagrada uma guerra entre um de seus filhos e o Rei Diniz, seu marido. Alcançada a graça, a rainha passou a coroar anualmente uma pessoa escolhida na comunidade. A cerimônia, que contava com a presença dos reis, era feita todos os anos na Igreja do Divino Espírito Santo, construída pela Imperatriz em Alenquer, depois que ela conseguiu impedir o fratricídio.

A tradição de coroar plebeus se espalhou por toda a Europa e acabou chegando ao Brasil com a colonização lusitana. Hoje, alguns estados como o Rio de Janeiro, São Paulo, Goiás, Espírito Santo, Bahia, Minas Gerais e, principalmente Santa Catarina realizam a folia.

Com toda a pompa de coroa portuguesa, o cortejo do Divino é ativado anualmente no Ribeirão da Ilha em períodos que variam entre o final do mês de maio e início de junho. O ritual de coroação do Imperador conta com vários símbolos que consistem na bandeira de pano vermelho bordado, o mastro segurando fitas de várias cores e a pomba - que representa o Divino - a corda, a espada e a salva - espécie de bandeja que recolhe prendas e leva a coroa.

Antes da festa, a bandeira passa pelas casas do Ribeirão e de

outras localidades próximas recolhendo oferendas dos devotos que fizeram promessas e agora querem pagar. Segundo Dona Nilsa, "todos os Santos perdoam, mas o Divino não perdoa aqueles que não pagam o que devem". Na passagem da bandeira é costume as ofertas serem pães em forma de partes do corpo e até mesmo de animais.

Dona Nilsa conta que um dos filhos, quando tinha sete anos, começou a ter ataques à noite. Para que as convulsões passassem, ela prometeu ofertar ao Espírito Santo um boneco do tamanho do menino quando ele completasse dezoito anos. A medida do boneco foi tirada quando o rapaz fez quinze anos, pois, segundo Dona Nilsa, "não haveria forno para assar um pão do tamanho do filho quando ele fizesse dezoito".

No primeiro dia da festa, o Imperador e sua mulher, cortejados por pajens e damas, desfilam em procissão pelas ruas do Ribeirão da Ilha em direção à Igreja de Nossa Senhora da Lapa. O casal imperial escolhido no ano anterior normalmente veste um dos seus filhos de rei para receber a coroa, que foi doada pelo próprio Dom Pedro II, numa visita ao Ribeirão. No dia seguinte, o domingo, a corte e o povo vão para o império, no salão paroquial, onde o imperador recebe as massas ofertadas pelos devotos e depois coloca-as em leilão entre os participantes da festa. Em seguida é proclamado o novo imperador, escolhido por sorteio entre as pessoas da comunidade, que vai ajudar os festeiros da folia do próximo ano.

Sidnei Volpato



A gente humilde, que deposita as esperanças nos santos

Puxando Alegria

*A banda do Zé Pereira
é um patrimônio que
pode desaparecer*

A Banda do Zé Pereira está morrendo. Em atividade desde 1896, este patrimônio histórico do Ribeirão da Ilha, em Florianópolis, vem sobrevivendo até hoje em meio à penúria financeira, sem receber apoio significativo das autoridades e nem mesmo da população. É um milagre que a cada ano desafie a Lei das probabilidades: os músicos continuam animando o carnaval - inclusive com o tradicional banho de mar à fantasia - e vão prosseguir enquanto houver forças.

O grande inimigo da banda é muito mais sutil e inexorável: o tempo. A média de idade dos músicos é 57 anos; dos 22 integrantes, o mais novo tem 22 anos (rara exceção) e o mais velho, 73. Um dos integrantes, Alécio Heidenreich, que participa desde 1951 e agora em dezembro vira sexagenário, faz um apelo: "Se a juventude não ajudar, dentro de quatro ou cinco anos a banda vai deixar de existir." Ele descreve o esforço que tem sido feito nesse sentido: "No ano passado fomos de casa em casa no Ribeirão da Ilha incentivando jovens a aprender música. Apareceram 32, mas só ficaram dois - e mesmo assim, porque estão pensando em seguir a carreira militar."

A história das bandas no Ribeirão começa em 1870, quando foi fundada a "Amantes do Progresso". Ela surgiu a partir de conversas entre os moradores do lugar, durante as noites frescas de lua cheia em que o papo e a música rolavam soltos até de madrugada. Por que não? Em pouco tempo o sonho se organizou. Os instrumentos musicais, velhos e em mau estado de conservação, eram consertados em cera de abelha. Isso fez com que ela passasse a ser conhecida como "Banda da Cera". Por cerca de 20 anos foi a única, até que, em 1896, surgiu a "Sociedade Musical Nossa Senhora da Lapa" - uma concorrente que depois ganhou o apelido de Banda do Zé Pereira, em homenagem a um famoso carnavalesco. No mesmo ano os instrumentos musicais foram importados da Alemanha por 580 marcos, pois não havia ainda fábricas do gênero no Brasil.

Alécio conta uma das histórias curiosas sobre esse período em que as duas rivais disputavam - amistosamente, mas palmo a palmo - a preferência dos habitantes do lugar. Elas são passadas de pai para filho e abrem uma rápida fresta na janela para o passado.

Os ensaios aconteciam de madrugada, em segredo, para a outra não descobrir o repertório. Uma noite, as duas bandas tocaram até de madrugada, mesmo depois que todo mundo já tinha ido embora. Nenhuma das duas queria sair primeiro e reconhecer a derrota, e elas continuaram tocando até as 4h da manhã.

Depois foram tomar café e quando o sol nasceu, continuaram. Fizeram intervalos pra missa e pro almoço, mas prosseguiram à tarde. Teriam tocado a vida toda, mas a salvação foi uma tromba d'água que caiu e fez todos correrem pra casa pra se abrigar! Dizem que foi milagre de Nossa Senhora da Lapa, padroeira do Ribeirão da Ilha...

Durante uns 20 anos as duas agremiações continuaram tocando no Ribeirão, até que por volta de 1915 (não há registros precisos), a Banda da Cera desapareceu e vários de seus músicos foram incorporados pela Nossa Senhora da Lapa. Em 1935 a Banda do Zé Pereira, já a única do lugar, comprou outro instrumental, desta vez "made in Brazil". Animava festas também

em outras localidades, viajando de baleeira. Com o tempo e a maresia, em 1950 os instrumentos já não ofereciam mais condições de uso. Depois de um período de marasmo, renasceu a banda no ano seguinte, com cinco veteranos e cerca de 15 jovens. O intervalo entre essa época e o presente está melhor registrado nas memórias das pessoas do que através de documentos e fotos.

Estamos em 1988 e a decolagem de um ônibus espacial já está ficando quase corriqueira, assim como o uso cotidiano de computadores e a inovação das fibras óticas. Mesmo assim, permanecem vestígios do século XIX. Com algumas modernizações, é claro. Para tornar o repertório mais adequado à juven-

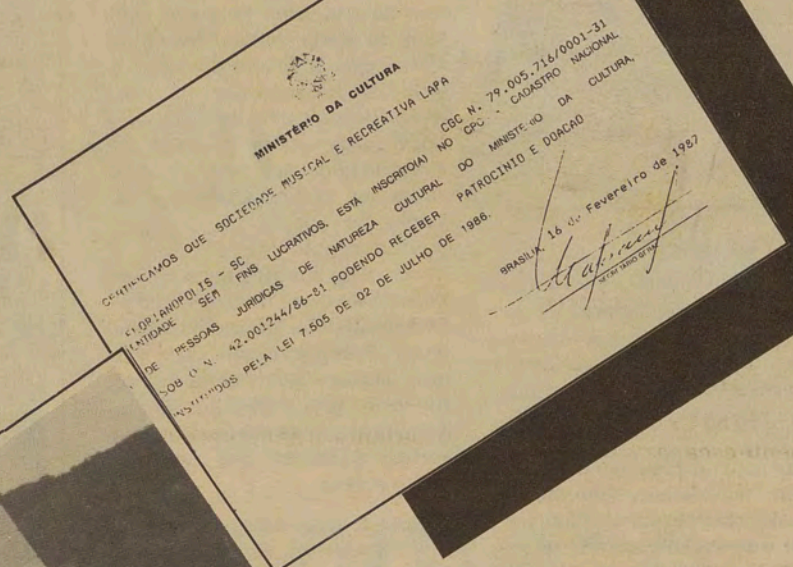
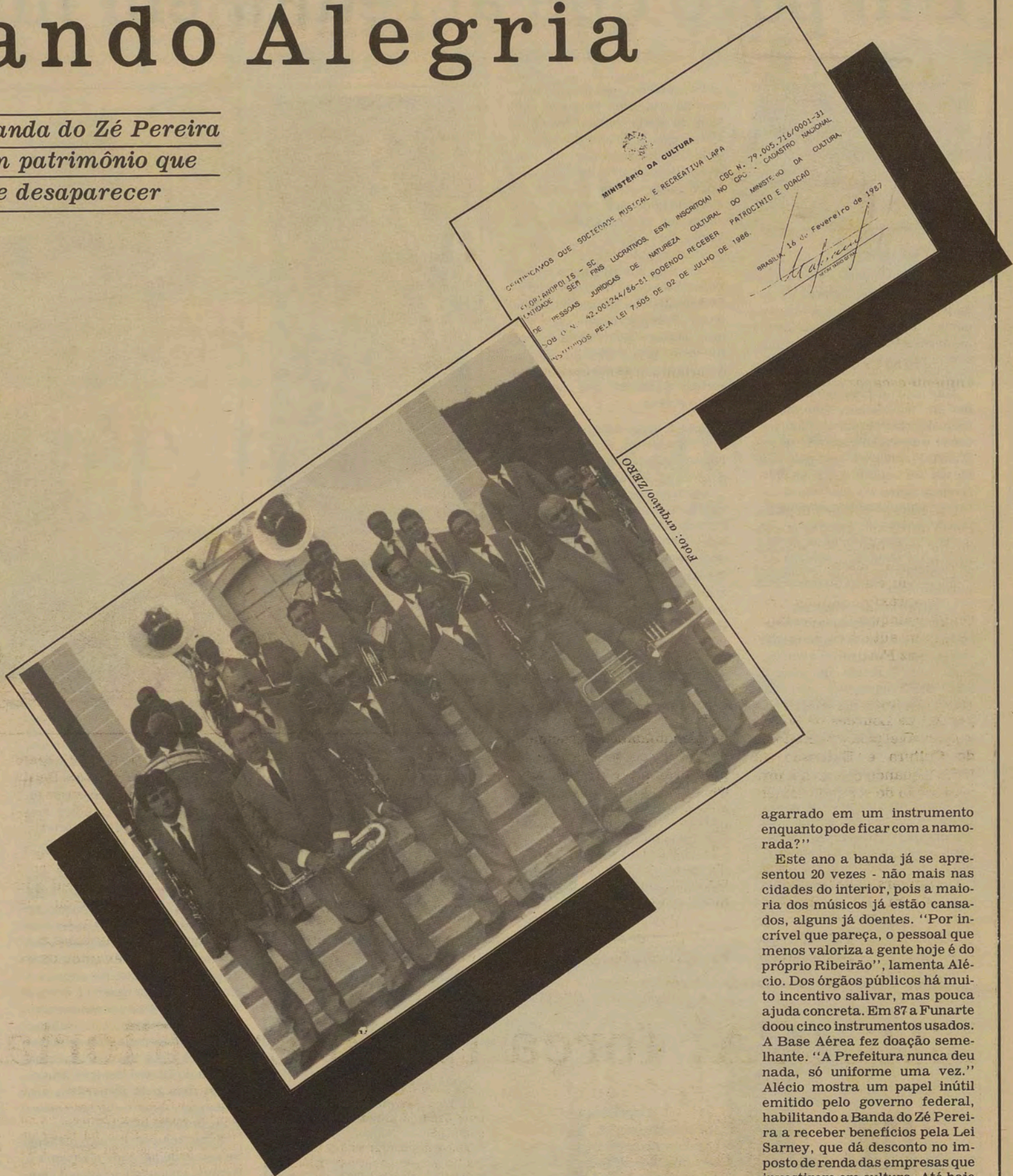
tude, a Sociedade Musical Nossa Senhora da Lapa comprou um gravador para reproduzir algumas músicas modernas. As opções vão das músicas infantis à marcha, passando também pelo samba, frevo, baião, rumba e até pelo tango, se a platéia pedir. Os ensaios acontecem todas as quintas-feiras à noite na sede do Centro Social do Ribeirão. Alécio, que é funcionário da Universidade Federal de Santa Catarina, já se mudou para o centro há algum tempo, mas sempre que pode, desce pelo elevador do prédio onde mora e vai rever o local onde foi criado. Ele atribui a falta de interesse dos jovens de hoje pela música à baixa remuneração dos profissionais da área e à grande variedade de diversões existentes: "Quem é que vai querer ficar a noite toda

agarrado em um instrumento enquanto pode ficar com a namorada?"

Este ano a banda já se apresentou 20 vezes - não mais nas cidades do interior, pois a maioria dos músicos já estão cansados, alguns já doentes. "Por incrível que pareça, o pessoal que menos valoriza a gente hoje é do próprio Ribeirão", lamenta Alécio. Dos órgãos públicos há muito incentivo salivar, mas pouca ajuda concreta. Em 87 a Funarte doou cinco instrumentos usados. A Base Aérea fez doação semelhante. "A Prefeitura nunca deu nada, só uniforme uma vez." Alécio mostra um papel inútil emitido pelo governo federal, habilitando a Banda do Zé Pereira a receber benefícios pela Lei Sarney, que dá desconto no imposto de renda das empresas que investirem em cultura. Até hoje ninguém se interessou. "Praticamente pagamos pra tocar", gracinha Alécio. Os músicos já se oferecem para ensinar de graça nas escolas a disciplina iniciação para o trabalho, mas apesar de as autoridades terem achado a idéia interessante, nunca a puseram em prática.

Quem quiser dançar ao som da Banda do Zé Pereira tem uma boa oportunidade em janeiro e fevereiro próximos. Ela vai tocar nas ruas do Ribeirão todos os sábados até o último domingo antes do carnaval, quando haverá o banho de mar à fantasia. Aproveite, pode ser o último.

**Dauro Veras e
Rubens Vargas**



Intercâmbio de Cultura



UFSC aproveita a oportunidade e divulga o jazz

A soprano Inetta Harris dificilmente escaparia de ter o seu nome associado ao dom da interpretação, principalmente por aqueles que assistiram a sua apresentação na Igrejinha da UFSC, na última quarta-feira à noite.

Usando as notas de um piano como único acompanhamento da sua voz, Inetta Harris conseguiu atrair qualquer pessoa que a ouviu, e deixou um público de aproximadamente duzentos e cinquenta expectadores, num autêntico clima de Free Jazz Festival.

A tournê de Miss Harris pela América do Sul foi descoberta por M^a de Lourdes de Souza, responsável pela Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da UFSC, quando checava a programação do segundo semestre deste ano no calendário de eventos da FULBRIGHT Commission - fundação que promove intercâmbios culturais entre universidades conveniadas. Assim, M^a de Lourdes entrou imediatamente em contato com a Uni Rio, que receberia a visita de Inetta, e

"me informei sobre a possibilidade dela se apresentar também aqui em Florianópolis". No convênio das universidades com a Fulbrighth Commission, cabe à fundação fornecer as passagens nacionais e internacionais e uma bolsa para o viajante, e às universidades, a hospedagem, alimentação e infraestrutura para as apresentações. É através desse acordo que Inetta Harris passará, além do Rio de Janeiro e de Florianópolis, por universidades de Curitiba e Uberlândia.

Com o sucesso deste ano, M^a de Lourdes promete um esforço ainda maior na segunda edição do espetáculo dessa jazzista, "talvez para o ano que vem", arrisca.

Muitos se perguntam por que iniciativas desse tipo são tão escassas em nosso estado, mas, para M^a de Lourdes, "a conquista está em aproveitar as oportunidades oferecidas", procurando e se interessando por promoções como essa. Chances para "aprimorar e enriquecer os nossos valores locais". A Universidade oferece "espetáculos não só para a comunidade acadêmica, mas também para todo o público interessado.

Voz Maravilhosa

A Mestre de Música pela Juliard School e Bacharel de Arte



Miss Harris: show de gogó e piano

pela Califórnia State University, ou simplesmente Miss Harris como é conhecida por seus alunos, maravilhou a plateia da pequena Igrejinha, assim como o fez na Europa e na América do Sul.

Inetta conta com a versatilidade de sua voz ao interpretar músicas de estilos bem diferentes que formam um dinâmico repertório.

Sem fugir do que se espera da maioria dos jazzistas, Inetta Harris abusava de graves e agudos intercalados, num compasso contagiante. Ao interpretar a música New York, New York, Inetta mostrou o que um crítico europeu quis dizer quando afirmou que "Miss Harris detem uma voz de soprano maravilhosamente lírica...", e levantou os ex-

pectadores num demorado aplauso e pedidos de bis. Assim, ela acabou por se despedir, definitivamente, com um carregado "muito obrigada" e oferecendo a música de Billy Joel, "Eu gosto de vocês como vocês são". Um show do mais puro jazz.

Cláudia Astorga

EROICA: força trash em Florianópolis



EROICA em ação na ETFSC

No atual contexto metálico de Florianópolis a galera headbanger já tem uma banda à altura dos padrões de qualidade.

Vindos do underground de Barreiros, quatro jovens homicidas detonam a guilhotina da inquisição, executando friamente o indesejável, medíocre e escroto vírus da Pop music ou New Wave que insiste em viver no panorama musical ilhéu feito de inexpressivos boyzinhos que se gabam de suas musiquinhas (URGGGGGGGGGGGGGGG!!!) de padrão estético e lírico comparado a de uma ameiba.

Rápidos, violentos e com gana de vencer as dificuldades impostas pelo cotidiano, quatro caras, alheios à mediocridade das musiquinhas FM, resolveram implantar o Thrash Metal em Florianópolis.

Neri Bauer no baixo, Miguel Fontoura e Luciano Stimamiglio nas guitarras e Jefferson "Dudle" na bateria e vocais formam atualmente o EROICA, que surgiu em abril deste ano e que tem por objetivo ditar as regras do que deve ser um autêntico show metálico. Exemplo disso foi a primeira apresentação da banda. A Escola Técnica foi sacudida pelos headbangers que mostraram sua força cantando o refrão de

Battle Hymns do Manowar: "VICTORY VICTORY". Ooooooooooh!!!!... Com um excelente e bem entrosado repertório, o EROICA foi capaz de levar a galera ao total delírio, a tal ponto que se a grade que estava em frente ao palco não fosse forte o suficiente, sem sombra de dúvida ela seria vítima da materialização da força bruta, energética e infernal que assolou o show. O Eroica provou que é digno de ser considerada a melhor banda metálica de Florianópolis, opinião de Alexandre Camisão e Carluxo, editores do futuro fanzine NOISE GANG.

O único que não está atualmente na banda, mas que se apresentou no show da Escola Técnica, é o vocalista Jorge "Pavão": ele foi substituído pelo guitarrista Miguel Fontoura (Ex-Scaffolddeath). Na avaliação do Eroica, a entrada dele representa o início de uma nova fase da banda, que certamente aumentará o nível técnico-musical do conjunto.

Miguel, que fez um excelente trabalho no Scaffolddeath, fala de seu objetivo no Eroica: "Espero que nossa banda conquiste o espaço pela qual nós lutamos com honra e orgulho através de nossa música".

Apesar da falta de shows, patro-

cinadores e aparelhagem, ao Eroica sobra coragem: "Se fôssemos tentar viver da música, passaríamos fome. A única coisa que faz com que não desistamos é a força de vontade de vencer as dificuldades e nisso a gente encontra nosso incentivo e nossa dedicação ao Metal".

Noise Gang

Uma boa notícia para os headbangers de Florianópolis: deve sair agora em dezembro, o primeiro número do fanzine Noise Gang, que tem por objetivo ser um canal de divulgação sobre o Metal, já que aqui não tem nenhum tipo de publicação desse gênero. Com intuito de fazer intercâmbios com outros fanzines e com headbangers de qualquer local do planeta, a NOISE GANG vai tentar, na medida do possível, dar informações sobre discos, shows e bandas de qualquer estilo metálico. No entanto, sua participação é importante. Envie informações ou se for membro de alguma banda, pode enviar um release. A NOISE GANG se compromete a divulgar.

INFORMAÇÕES C/
FANZINE NOISE GANG
Rua Belarmino Corrêa, 46
Trindade - Florianópolis CEP 88025

Ozias Alves Júnior

“Eu estou super agora”



foto de Marta Morit/Zero

“Eu nunca quis esse rótulo de líder”

Zero: O que o levou a querer entrar no meio artístico?

Evandro: Desde garoto tinha a maior curiosidade com teatro e cinema. Queria continuar brincando. Eu era contra o pessoal mais velho que pegava onda com a gente e jogava bola, ia trabalhar na cidade e voltava reclamando. Eu tinha o maior grilo de pensar quando ia ser adulto e começar a reclamar da vida. Prá mim era uma coisa chata ficar grande. O teatro começou a estimular a minha fantasia, o meu sonho. Era um canal de idéias onde eu podia jogar minhas dúvidas e minhas alegrias. Eu estava querendo descobrir o mundo. Desde cedo comecei a ver que o meu caminho era pela arte.

Zero: Como foi a sua parti-

cipação no grupo teatral Asdrúbal Trouxe o Trombone?

Evandro: O Asdrúbal foi meu grande batismo no teatro e até na vida, eu fiquei oito anos com aquelas pessoas. A gente começou a ter uma noção total do que é um espetáculo, desde pregar o cenário, distribuir filipeta na rua de noite, a escrever o texto, a se dirigir, a musicar. Foi uma vivência su-

“Com o Asdrúbal

eu tive o meu

grande batismo”

per intensa, fora do quintal de casa, pois a gente viajava muito, de Porto Alegre a Recife. Era uma coisa gue-

rilheira, super bonita. Tinha a Regina Casé, o Luís Fernando Guimarães, o Perfeito Fortuna (que depois fundou o Circo Voador), a Patrícia Travassos, a Nina de Pádua, o Hamilton Vaz Pereira, que era o diretor. Foi uma união super feliz de cabeças com o mesmo objetivo, as mesmas perguntas, na mesma época.

Zero: Como surgiu a Blitz?

Evandro: A Blitz começou quando uma menina perguntou se eu tinha uma banda, porque ela ia inaugurar um bar lá no Rio, com espaço para show. Falei que tinha uma banda que só tocava eu o Ricardo Barreto. Mas nós conhecíamos o Lobão, o Zé Luís e o Guto, que tocavam com a Marina. Então quando eles começaram a tocar com a

Uma pessoa bastante acessível, simples, muito cativante e pai coruja de uma menina de dois meses é a melhor definição para o ex-vocalista da Blitz, Evandro Mesquita, que faz agora uma carreira solo.

Mesmo estando muito cansado e quase na hora de seu show na Feira da Esperança, Evandro deu a entrevista que tinha prometido ao Zero.

De maneira informal e descontrida, ele falou de toda a sua carreira artística, desde o Asdrúbal Trouxe o Trombone, passando pela Blitz e sobre atual fase, com as participações em novelas e na Armação Ilimitada.

Apaixonado por Florianópolis, ele diz ser a única cidade do sul onde moraria. O show foi feito com muito garra e entrosamento do conjunto, na sexta-feira dia 25. Evandro arrasou e conquistou o público. O único problema foi a falta de divulgação, que fez com que muitas pessoas perdessem uma grande performance.

gente, as músicas ganharam personalidade e cresceram. Aí começou a ser mundialmente famosa ali no bairro. Tocávamos em boates e no Circo Voador. A galera ia toda e ficava falando que tinha que ter um disco e tocar no rádio. Foi crescendo a coisa, a gente gravou e tudo foi além do que se imaginava.

“Melhor acabar

no auge do que na

decadência”

Zero: Vocês pareciam tão unidos, então por que veio a separação numa época que eram mania nacional?

Evandro: O pior é que era mesmo, mas é melhor acabar no auge que na decadência. A nossa relação não estava sendo revigorada, a

gente parou de ser amigo e ficamos sócios. A Blitz virou emprego e ela era uma coisa de energia, de chegar, arrasar e ir embora. No começo, quando você trabalha num grupo, você lança meias idéias que espera que somem com as dos outros, para que haja um resultado desse grupo. Chegou uma hora que cada um tinha uma idéia, mas era muito “essa é minha”, então ficou uma coisa dura, não havia mais uma soma e começou a ficar difícil. Não por culpa de ninguém. Cada um entrou numa de testar as coisas sozinho, de ser responsável pelas suas coisas, pelos seus erros e seus acertos. É o mesmo que um casamento, quando você entra nessa, ou na de namorar mais firme, você jura que vai ser feliz para sempre, ter 15 filhos, aí depois de um mês ou dois você vê que não era bem aquilo. A gente achou que ia ficar 27 discos e acabou antes.

Zero: A Blitz esperava todo

aquele sucesso?

Evandro: A gente não esperava aquele sucesso do jeito que foi, mas tínhamos confiança no trabalho. Havia um lance de palco teatral, que na época não existia. Eu achava feio show de música. O baixista não sabia onde punha a mão, aí pegava uma Coca Cola ou um Whisky e bebia. Você via o cara cantando e era melhor levar o disco para casa, não tinha nada de visual. A Blitz deu uma injeção de ânimo. Até o Gil falava na época que a Blitz pegou a MPB sem documento, deu uma blitz e até eles começaram a se repensar. Era um som pop, com uma energia pop, das grandes cidades, mas com um sotaque brasileiro.

Mais ou menos o que o Tropicalismo pregava, mas não só o lado elitista e universitário. A Blitz jogou numa coisa realmente po-

“A Blitz virou emprego”



“A Ilha é demais”

pular, da empregada gostar, da filha da madame, da madame e da criancinha.

Foi uma coisa de extensão super bonita, social e de idade. A gente enchia bailes de subúrbio e as boates chiques do Rio e São Paulo. Foi um lance que cresceu numa progressão geométrica além da imaginação, até ficar incontrolável.

Zero: Todos achavam que a

Blitz tinha muito da tua personalidade. Isso realmente aconteceu?

Evandro: Tinha um lance de eu e o Barreto sermos os principais compositores, as músicas eram nossas, eu cantava, mas cada um da Blitz era super forte, era um tipo de beleza diferente dos galãzinhos da época, as meninas tinham uma coisa forte. Era um conjunto mesmo e tinha horas que cada um puxava um pouco, que a gente estava sem energia e um liderava mais. Sempre foi uma coisa meio flutuante. Eu nunca quis esse rótulo de líder,

“Agora eu sou o meu patrão”

não gosto muito disso. Agora eu sou o meu patrão, o meu líder, mas quando você está num grupo é para jogar. Se o gol for do Zico o goleiro tem que ficar contente ou o lateral porque é gol para o time. E isso começou a ficar meio estranho. Começou a rolar uns ciúmes. Mas isto já é roupa suja...

Zero: E a carreira solo?

Evandro: A carreira solo está super coletiva, eu estou trabalhando mais em grupo agora do que quando eu estava num grupo. Parceiros que você estava a fim de fazer música e que você agora faz, músicos que você queria que tocassem com você. Está legal, porém difícil porque o Brasil está vivendo um mo-

mento difícil.

Zero: Em matéria de satisfação, a carreira solo ou Blitz? Ou cada uma teve a sua época?

Evandro: Eu estou super agora. Tenho orgulho de ter participado da Blitz, uma saudade distante. Não queria reviver agora, quer dizer, claro eu adoraria o sucesso, vender disco prá cacete, isso é genial, qualquer artista quer isso. Mas eu estou vivendo muito esse momento. Já estou preparando um outro disco. Gosto dessa coisa do estúdio, da alquimia, da criação no estúdio, é uma coisa muito solitária, frágil. Te dá às vezes um pavor, “o que é que eu tô fazendo aqui?”, mas às vezes dá a maior fissura de você mexer com a tecnologia super avançada e ao mesmo tempo uma coisa primitiva, como um pandeiro ou um berimbau. Isso te dá uma possibilidade de brincar, que nem

atrás. Nunca quis fazer uma coisa realista, galãzinho, mas foi um desafio legal. Você tem que se virar na hora para que o texto ganhe uma certa verdade.

Aí eu fico crítico à pampa quando vejo, falando “pôrra, que canastra!”, e tem outros que eu gosto. A Armação Ilimitada é mais a minha praia ou os personagens que fiz em Bebê a Bordo.

“Às vezes rola uns trezinhos bonitos”

Zero: Como está sendo a sua Participação na Armação Ilimitada?

Evandro: A Armação eu vi nascer. Conheço o André de Biase desde criança, a gente cresceu junto. Eu sabia



“A Blitz virou emprego”

você entrar no quarto daquele amigo rico que tem trezinho, autorama e poder brincar com tudo e às vezes você até se perde e acaba não brincando com nada. Mas de vez em quando rola uns trezinhos bonitos.

Zero: Você espera entrar mais a fundo na carreira de ator?

Evandro: A carreira de ator está pintando ainda meio na brincadeira, meio namorando. Eu fiz a novela Fera Radical, que era uma coisa que eu tinha um pé

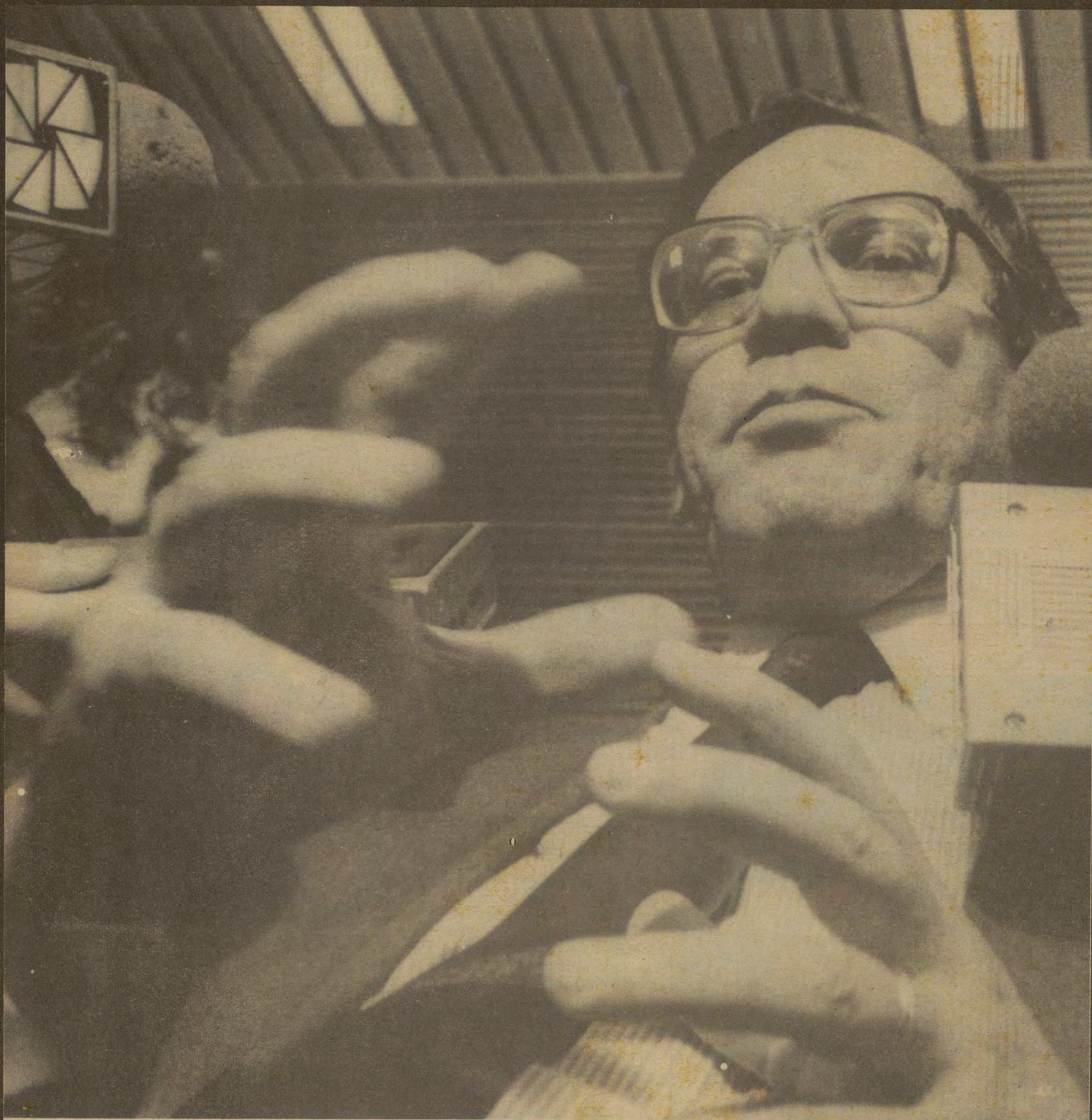
da idéia inicial dele e do Kadu e eu namorava uma das autoras. Acho que fui o convidado mais assíduo, fiz uns cinco programas da Armação. O diretor é legal, a equipe também. É o maior recreio. Vamos brincar de gangster ou vamos brincar de não sei o quê, levando a sério, com roupa, arma que atira. É genial a velocidade do programa, o poder crítico dos textos de falar sério brincando. Acho o pique ótimo.

Entrevista a Marta Moritz



“Tenho orgulho de ter participado da Blitz”

MÃO GRANDE



Entre os notáveis da “Galeria Mão Grande”, merece destaque a presença do ex-ministro Aníbal Teixeira.